

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

**A Influência da Vinculação Mãe – Bebê no processo de
adaptação ao berçário**

Madalena Rodes Sérgio

Relatório final realizado no âmbito da área de Prática de Ensino Supervisionada do
Mestrado em Educação Pré - Escolar

Orientador:

Professor Paulo Pires do Vale

Ano letivo 2013/2014

Lisboa

Julho de 2014

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Professor Paulo Pires do Vale, pela enorme ajuda, e dedicação que sempre manifestou por este meu trabalho de investigação. Agradeço ainda pelas sugestões que me ia apresentando, fazendo-me reflectir e estruturar melhor as minhas ideias.

Agradeço igualmente à professora Cecília Moreira, pelo apoio e conhecimento transmitido.

A todos os professores das diferentes unidades curriculares de todo o curso, por terem partilhado a sua experiência e saber. A todas as amigas que comigo fizeram esta caminhada, com quem partilhei preocupações, dúvidas, e boa disposição.

Em seguida agradeço ao Centro Paroquial do Estoril, que permitiu a realização deste trabalho. O meu grande agradecimento à coordenação, pela colaboração, esforço e empenho, e também às mães das crianças observadas, pois sem elas não teria sido possível concretizar este trabalho. Agradeço a todas as colegas desta instituição, com quem convivo diariamente por terem partilhado a sua experiência, e conhecimento ajudando-me a crescer pessoal e profissionalmente.

Por último à minha família e, ao Pedro que sempre me apoiaram em todas as decisões.

A todos eles, e também a todos aqueles que, de algum modo, me ajudaram a tornar este trabalho possível, o meu muito OBRIGADO!

Resumo

A presente investigação foi realizada no âmbito da área da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar e em Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. A problemática estudada surgiu de experiências profissionais realizadas com crianças compreendidas entre os 5 e os 18 meses.

Esta pesquisa foi concretizada segundo uma investigação qualitativa, através de uma observação participante. Para tal, desenvolveu-se um questionário, aplicado a mães e, recolheram-se notas de campo. A partir desta observação surgiu a seguinte problemática: *Compreender se a adaptação da criança ao berçário é influenciada pelos comportamentos de vinculação/comportamentos de exploração que a criança exhibe.*

O estudo desta problemática é muito importante para pais e educadores, uma vez que é preponderante o seu papel no desenvolvimento global e harmonioso das crianças de tenra idade. É imprescindível que as crianças se encontrem num local onde possam ser amadas, sentindo-se seguras.

Através dos resultados obtidos concluiu-se que o processo de adaptação da criança ao berçário é influenciado pelos diferentes comportamentos que a criança exhibe. Uma criança que explora ativamente o meio e que se sente segura expondo uma maior disponibilidade para fazer aprendizagens, apresenta uma maior facilidade na adaptação ao berçário. Isto acontece, na medida em que sente uma maior confiança no espaço, nas pessoas e, conseqüentemente em si. Por outro lado, uma criança que explora pouco o meio e que aparenta alguma ansiedade no contato com outras crianças apresenta uma menor facilidade na adaptação ao berçário. Este acontecimento deve-se ao fato de demonstrar elevados níveis de ansiedade quando a figura de vinculação se ausenta, sendo difícil acalmar-se, não explorando o meio e, face ao regresso da figura de vinculação exhibir comportamentos ambivalentes, choro e desejo de proximidade e revolta.

Tendo em conta os resultados obtidos concluiu-se igualmente que, a relação que a criança estabelece com o educador influencia a adaptação da mesma ao berçário. Tal deve-se ao fato de o adulto ser peça fundamental para que o processo de desenvolvimento da criança ocorra de uma maneira saudável. As relações calorosas e positivas que o adulto deverá estabelecer com as crianças ajudam-nas a ganhar a sensação de confiança no mundo e, conseqüentemente confiança nas suas capacidades.

Palavras-chave: Vinculação da mãe ao bebé, Adaptação ao berçário, Papel do educador

Abstract

This research was performed under the Supervised Practice Teaching of the Masters in Preschool Education and Teaching in the first cycle of basic education area. The problem studied came from professional experiences with children between five and eighteen months.

This research was completed using qualitative research methods including participant observation. A questionnaire was also developed and given to mothers and as well as field notes being collected. As a result the following issues were discovered: Understanding whether the child's adaptation to the nursery is influenced by the behaviors of attachment / exploratory behaviors that the child exhibits.

The study of this problem is very important for parents and teachers, as it has a preponderant role in the overall and balanced development of young children. It is imperative that children are in a place where they can be loved and feel safe.

The results show that the adaptation of the child to the baby nursery is influenced by the different behaviors that the child exhibits. A child who actively explores the environment and feels safe exposing a greater willingness to learn, adapts more easily to the baby nursery. This happens as the child feels more confident in the space, the people and hence himself. On the other hand, a child, who explores the environment less and that shows signs of anxiety in the contact with other children, does not adapt as easily to the baby nursery. This is due to the fact that the child shows high levels of anxiety when the linking person is absent, making it difficult for the child to calm down and explore the environment. In contrast, when the linking person returns, the child demonstrates obstinate behavior; cries and expresses desire for closeness whilst also being difficult.

The results allow us to conclude that the relationship the child establishes with the teacher influences the adaptation of the child to the baby nursery. This is due to the adult playing a key role in facilitating the child's development in a healthy way. The warm and positive relationships that the adult should establish with the children help them to gain the feeling of trust in the world, and consequently confidence in their abilities.

Key words: Attachment, Adaptation of the child to the baby nursery, role of the teacher

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento teórico.....	8
1.1 - Modelos teóricos da vinculação.....	9
1.2 - Etapas de desenvolvimento do sistema de vinculação.....	11
1.3 - Natureza e qualidade das vinculações.....	14
1.4 - O Papel do Educador na Creche.....	18
II. Metodologia de Pesquisa	23
III. Apresentação e análise de resultados.....	29
3.3 - Apresentação e análise dos resultados dos Inquéritos por Questionário..	30
3.2 - Apresentação e análise dos resultados das Notas de Campo.....	48
Considerações Finais.....	52
Bibliografia.....	57

Lista de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos itens do inquérito, suas dimensões e exemplos explicativo.....	26
Quadro 2 - Caraterização do universo de crianças observadas por idade e por sexo.....	30

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Caraterização do universo de crianças observadas pela idade com que iniciaram a frequência na creche.....	31
Gráfico 2 – Caraterização do universo de crianças consoante a quem estão a cargo.....	32
Gráfico 3 - Caraterização do agregado familiar no que respeita à idade.....	33
Gráfico 4 - Caraterização do universo de crianças com irmãos que frequentem a mesma instituição.....	34
Gráfico5 – Caraterização da Gravidez (Desejada/Não desejada).....	35
Gráfico 6 - Caraterização da Gravidez (Planeada/Não Planeada).....	36
Gráfico 7 - Preparação para a gravidez.....	36
Gráfico 8 - Enumeração dos momentos da gravidez.....	37
Gráfico 9 - Caraterização dos partos	38
Gráfico 10 - Identificação da existência, ou não, de complicações no parto.....	39
Gráfico 11 - Existência do contato físico imediato após o parto.....	39
Gráfico12 -Caracterização da alimentação do bebé nos primeiros dias.....	40
Gráfico 13 - Caracterização da alimentação do bebé na atualidade.....	41
Gráfico 14 - Caracterização dos hábitos de sono.....	42
Gráfico 15 - Recordação do primeiro sorriso do bebé.....	43

Gráfico 16 – Reconhecimento de diferentes tipos de sorriso.....	44
Gráfico 17 – Reconhecimento de diferentes tipos de choro.....	44
Gráfico 18 – Reação face a estranhos.....	45
Gráfico 19 – Identificação do sentimento no momento de partida da creche.....	46
Gráfico 20 – Identificação do sentimento no momento de chegada à creche.....	47

Lista de Anexos

Anexo 1 – Inquérito por questionário

Anexo 2 – Nota de Campo nº 1

Anexo 3 – Nota de Campo nº 2

Anexo 4 – Nota de Campo nº 3

Anexo 5 – Nota de Campo nº 4

Anexo 6 – Nota de Campo nº 5

Anexo 7 – Nota de Campo nº 6

Anexo 8 - Nota de Campo nº 7

Anexo 9 – Nota de Campo nº8

Introdução

Um bebê não pode existir sozinho; ele é uma parte essencial de uma relação (Winnicott,1987 pp.27)

Atualmente não existem dúvidas de que a relação que a criança estabelece com os seus cuidadores vai muito para além da satisfação das suas necessidades fisiológicas. Sabemos que a ligação bebé/cuidador bem como, os primeiros dias e meses de vida influenciarão a aquisição de aptidões físicas, mentais e sociais. Deste modo, é de salientar o papel importante que os pais e educadores têm para que aconteça um desenvolvimento global e harmonioso das crianças desde tenra idade. É imprescindível que as crianças se encontrem num local onde possam ser amadas, sentindo-se seguras. É igualmente importante que tenham oportunidades para brincar, desenvolverem-se e aprenderem num ambiente seguro e protetor. Só desta forma é que lhes será possível desenvolverem a sua autoestima, autoconfiança e capacidade de se tornarem independentes face aos desafios futuros com que irão sendo confrontadas ao longo do seu desenvolvimento.

Depreende-se desta forma que a relação de vinculação deverá ser baseada na ideia de que o adulto deverá garantir um ambiente seguro a um ser que procura proteção, e que este a procura no outro considerando-o mais forte e mais apto. Trata-se pois de uma relação assimétrica.

A escolha profissional é uma das decisões mais importantes que realizamos ao longo da vida e assim foi no meu caso, sendo as minhas motivações passíveis de analisar, ao longo das próximas linhas. Durante toda a minha formação em Psicologia, o desenvolvimento infantil foi um tema bastante aprofundado e que despertava em mim uma grande atenção. Ao terminar o mestrado em Psicologia Educacional, o interesse específico pela Educação Pré-escolar foi aumentando e ganhando cada vez mais força. Considerando que a Psicologia e a formação em Educação Pré-escolar são

complementares, a ideia de aprofundar os estudos nesta área começou a fazer cada vez mais sentido. Foi depois de alguma experiência como auxiliar de ação educativa e, como responsável de sala que decidi, assim enveredar na formação em Educação Pré-escolar. Considero e defendo profundamente que a formação nas duas áreas acima descritas será para mim uma enorme mais-valia, acreditando que uma fusão entre as duas será bastante benéfica para toda a minha prática educativa futura.

Os dados que apresentarei de seguida são o resultado de uma pesquisa que foi feita sobre a instituição - Centro Paroquial do Estoril – onde desenvolvo a minha atividade profissional enquanto responsável de sala do Berçário e conseqüentemente onde desenvolvi a minha prática supervisionada. É de extrema importância salientar o facto do orgulho que tenho em fazer parte da equipa educativa, sendo que partilho os mesmos valores e princípios defendidos pela instituição e por toda a equipa. Estes princípios assentam na educação segundo os valores cristãos, na valorização dos esforços individuais de cada criança, na estímulo da auto disciplina, entre outros.

Segundo o Projeto Educativo desta instituição, o Centro Paroquial do Estoril (CPE) é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS) que apresenta como objetivo principal o apoio a pessoas vulneráveis ou em situação de vida vulnerável, a partir da promoção da solidariedade cristã, da educação e da integração comunitária e social de todos os habitantes da paróquia, especialmente dos mais pobres.

Relativamente à parte Educativa, o CPE desdobra-se em três pólos distintos: O Centro de Santo António com Creche e Pré – Escolar, o Centro Comunitário Sra. da Boa Nova que possui Creche e o Colégio Sra. da Boa Nova com Pré – Escolar, 1º, 2º e 3º ciclo. O complexo Sra. da Boa Nova, no qual me focarei mais em concreto pois é aqui que desenvolvo diariamente a minha prática educativa, abrange ainda outras valências como o atendimento ao domicílio, lavandaria e atividades extra curriculares.

O público-alvo do Centro Comunitário Sra. da Boa Nova são os moradores das freguesias do Estoril, S. João do Estoril, Monte Estoril, Alto dos Gaios, Galiza e Amoreira.

No contato diário que tenho com um grupo de dez crianças entre os quatro e os dezoito meses, a importância da relação afetiva que a criança desenvolve com os seus cuidadores é um tema com que me debato frequentemente. É bastante interessante presenciar o poder e a força que esta relação apresenta, e que influencia todo o desenvolvimento infantil. Foi deste contato diário com as crianças e com as suas famílias que nasceu o meu interesse pela vinculação entre a mãe e o bebé.

Devido a esta experiência procurei aprofundar teoricamente a ligação entre a mãe, o bebé e o educador, e perceber as relações da teoria com a prática. A questão da adaptação da criança ao berçário sempre foi um assunto de bastante interesse para mim, na medida em que pode ser um tópico com bastante influência para o desenvolvimento global e harmonioso da criança.

Neste sentido aprofundarei os processos vinculativos, ou seja, analisarei o vínculo que as crianças estabelecem com os seus cuidadores e a influência que esta relação tem no processo de adaptação ao berçário. Deste modo surgiu a seguinte problemática desta investigação: *Compreender se a adaptação da criança ao berçário é influenciada pelos comportamentos de vinculação/comportamentos de exploração que a criança exhibe*, partindo de três questões norteadoras:

- De que modo é que uma criança que direciona a sua energia para a exploração do meio e que se sente segura expondo uma maior disponibilidade para fazer aprendizagens, apresenta uma maior facilidade na adaptação ao berçário?

- De que modo é que uma criança que explora pouco o meio e que aparenta alguma ansiedade no contato com outras crianças, apresenta uma menor facilidade na adaptação ao berçário?

- De que modo a relação que a criança estabelece com educador influencia a adaptação da mesma ao berçário?

A problemática em estudo surgiu através do interesse existente na relação entre a mãe e o bebé, resultado da observação efetuada no meu quotidiano profissional. No que respeita às técnicas utilizadas para a recolha de informação, foram utilizadas duas. A primeira refere-se à observação direta e participativa que consistiu no meu envolvimento e participação na comunidade educacional, onde exerço a minha prática pedagógica. Observei a forma como acontece esta forte relação e como influência os comportamentos da criança. Ao longo de todo o estágio fui retirando algumas notas de campo que, transcrevem situações, pensamentos e motivações que considerei relevantes para este estudo. A segunda técnica refere-se a um Inquérito por Questionário adaptado de Antunes e Ferreira (2009), destinado aos pais. Esta técnica permite recolher informação junto de pais que poderão dar resposta à problemática em estudo, dando-nos igualmente um esclarecimento sobre o padrão de vinculação que a mãe tem com o bebé. O fato de se utilizar dois tipos de técnicas para recolhas de dados permitiu a obtenção de informação de várias perspetivas, permitindo o seu cruzamento e análise mais rigorosa.

O presente estudo desenvolve-se em três partes diversas:

Esta Introdução onde é apresentado o meu percurso formativo e, onde são identificadas as motivações para o presente estudo. É neste capítulo que é exposto todo o contexto escolar que originou a temática a ser trabalhada, bem como é apresentada a

problemática e as hipóteses a estudar. Por fim refere as técnicas utilizadas para recolha de informação, a observação direta e o Inquérito por Questionário.

No primeiro capítulo, Referencial Teórico, é apresentado a sustentação teórica, bem como as influências na construção da teoria da vinculação, as etapas de vinculação, e os padrões de vinculação, sem esquecer a importância que esta relação detém para o futuro da criança.

O segundo capítulo referente à metodologia utilizada, debruça-se sobre as hipóteses colocadas, à problemática trabalhada, apresentação do Inquérito por Questionário e das notas de campo.

Os Inquéritos por Questionário, e as notas de campo, não constituem um fim por si mesmos. São apenas instrumentos de recolha de informação, sendo necessária a realização de uma análise para tratar essa mesma informação. A metodologia utilizada para esta análise é mais qualitativa, uma vez que recorreremos a uma amostra pequena, a questões abertas e semiabertas no Inquérito por Questionário, que pressupõem, a análise de conteúdo das respostas dos inquiridos. Através das notas de campo, recolhi os dados que me pareceram mais significativos e, que me levaram a esta temática

No terceiro capítulo, analiso e interpreto todos os dados recolhidos durante a investigação em função da problemática e das hipóteses levantadas.

É nas considerações finais que apresento as conclusões tiradas ao longo de toda a investigação. Acredito que a forma como é estabelecida a relação mãe/bebé influencia todo o desenvolvimento global da criança e, conseqüentemente o processo de adaptação à creche. É igualmente neste capítulo que vou validar as hipóteses que coloquei para estudar esta temática.

Por fim seguem os anexos do qual vão constar os Questionários por Inquéritos e as notas de campo retiradas ao longo do estágio, sendo estas a partida para o tema em estudo que se segue.

A motivação para toda esta investigação prende-se com o fato de eu acreditar que uma relação afetiva estável, continuada e significativa, desde o início de vida é razão para que aconteça o desenvolvimento harmonioso e integral do sujeito.

Capítulo I:

Enquadramento Teórico

1.1 - Modelos teóricos da vinculação

Na fundação da teoria da vinculação é inevitável destacar dois nomes: John Bowlby (considerado o autor da teoria da vinculação) e Mary Ainsworth (pelos contributos que forneceu para o desenvolvimento desta mesma teoria).

O escritor John Bowlby, psiquiatra, especialista em psiquiatria infantil e psicanalista inglês, teve um papel influente na compreensão das ligações emocionais entre pais e filhos. Bowlby começou a trabalhar na sua teoria durante a sua formação inicial, onde recebeu formação especializada em psicologia do desenvolvimento, mas foi a sua experiência de trabalho voluntário num internato para crianças desadaptadas, em conjunto com investigações acerca dos cuidados institucionais e hospitalares em bebés e crianças, que marcou a sua vida profissional.

Os conceitos do autor foram desenvolvidos com base na psicanálise, na biologia através da teoria da evolução e, na psicologia do desenvolvimento. Este médico inglês principiou uma nova forma de pensar o vínculo mãe – bebé e os efeitos que a separação precoce causa no desenvolvimento humano. A primeira relação humana de uma criança é reconhecida, por ele, como fundamental e edificadora.

Bowlby (1969:220) refere que a vinculação é uma ligação emocional recíproca e duradoura entre o bebé e o prestador de cuidados maternos, em que cada um contribui para a qualidade da relação. Nesta ligação, a criança procura segurança e conforto, certificando-se que as suas necessidades psicossociais e físicas são satisfeitas. Neste sentido, a figura de vinculação serve de base segura para que a criança explore o mundo que a rodeia. Por seu lado, a criança controla de forma constante a proximidade e disponibilidade da figura de vinculação. Quando a criança percebe perigo ou sente ansiedade, procura a figura de vinculação como porto seguro.

A ligação da criança a um indivíduo é o resultado da ativação de um sistema comportamental que tem como objetivo a manutenção da proximidade ou, o contato com a mãe ou a pessoa que a substitua. Assim sendo, qualquer ação levada a cabo pelo bebê que provoque uma resposta de um adulto poderá ser comportamento de procura de vinculação. Estes comportamentos vinculativos são manifestações inatas que estão presentes na altura do nascimento e são motivados intrinsecamente. Estas condutas poderão ser sinalizadoras - chupar, chorar, sorrir, abraçar e olhar para a figura parenteral - ou de aproximação, como seguir, aproximar e trepar. Estas aproximações são bem-sucedidas quando a mãe ou o prestador de cuidados maternos responde calorosamente, expressa contentamento e oferece ao bebê contato físico frequente e liberdade para explorar. Bowlby (1969:222) afirma que o sistema de vinculação seria ativado pela percepção de uma situação perigosa e desativado através da proximidade física da figura de vinculação. Embora as crianças se tornem vinculadas às pessoas que delas cuidam, a qualidade da vinculação pode variar na segurança e no conforto experimentado a partir dessas relações e, assim, na possibilidade de essas figuras serem para a criança uma base segura a partir da qual explora a realidade circundante (Ainsworth, 1979:932)

Um fator bastante influente na qualidade da comunicação entre o bebê e a figura de cuidados maternos é, a expectativa da criança em relação à resposta da figura de vinculação. Ao longo do primeiro ano de vida o bebê vai construindo gradualmente um conjunto de conhecimentos e expectativas sobre o modo como essas figuras atuam e respondem aos seus pedidos. Estas expectativas são desenvolvidas através das experiências repetidas com a figura de vinculação que são internamente organizadas sobre a forma de representações mentais do *self*, da figura de vinculação, e do mundo. Estas representações, designadas por modelos internos dinâmicos de vinculação, permitem que a criança tome decisões sobre o seu comportamento de vinculação face a

uma figura em particular, permitindo que o sujeito opere mais eficazmente. O conceito de modelos internos dinâmicos é fundamental na teoria da vinculação, permitindo a compreensão das relações de vinculação ao longo do ciclo vital e das diferenças individuais na segurança. Estes modelos permitem assim que a criança selecione o comportamento de vinculação mais adaptativo, com base na antecipação da resposta parental, permitindo ao sujeito saber como se deve comportar em situações relevantes para a vinculação. Deste modo, quando a criança desenvolve um modelo no qual a expectativa é a de que a figura de vinculação se encontra disponível, a criança procura proximidade. Por outro lado, no momento em que a criança desenvolve um modelo, no qual é esperada uma reação de rejeição por parte da figura de vinculação, a criança pode aproximar-se de forma mais cautelosa ou nem sequer se aproximar. Em suma, os modelos internos dinâmicos apresentam-se como um conjunto de representações mentais sobre si próprio, os outros e o mundo, que ajudam o indivíduo a dar significado aos acontecimentos, antever o futuro e a arquitetar planos. (Bowlby, 1973:125)

Por fim, o sistema de vinculação permite explicar a evolução dos comportamentos da criança ao longo da infância face à separação da figura de vinculação na medida em que, ao longo dos tempos a separação, já não é percebida como uma ameaça.

1.2 - Etapas de desenvolvimento do sistema de vinculação

Na linha de estudos sobre a vinculação mãe-bebé, surge Mary Ainsworth procurando compreender as diferenças individuais nas relações de vinculação precoce: conhecer os tipos ou padrões de vinculação, a sua origem e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. A Psicóloga e professora universitária norte-americana,

percursora de Bowlby, acreditava igualmente que durante a primeira infância a vinculação tem uma importância extrema para todas as crianças.

O desenvolvimento do comportamento de vinculação decorre, de acordo com Ainsworth, ao longo de quatro fases. As três primeiras fases ocorrem no primeiro ano de vida e caracterizam-se pelos seguintes aspetos, numa ordem sequencial: (1) orientação e sinais com discriminação de figura; (2) orientação e sinais dirigidos a uma ou mais figuras discriminadas; (3) manutenção da proximidade em direção a uma figura discriminada através da locomoção e de sinais. A última fase é designada por relação recíproca orientada para objetivos e começa por volta do terceiro ano de vida.

Aprofundando a primeira fase denominada de **orientação e sinais com discriminação limitada de figuras** (Dias, Soares & Freire, 2002: 335) - dos zero aos três meses de idade – o bebé põe em ação os processos de discriminação em que discrimina a mãe de entre todos e mais tarde por volta dos 6 meses discrimina o 3º elemento – o pai. Nesta fase identificam-se o que se pode chamar de precursores dos comportamentos de vinculação: chorar, sorrir, agarrar etc. Nesta fase é a figura parental a maior responsável na manutenção da proximidade e proteção da criança. Se as condições ambientais forem favoráveis e as interações repetidas da figura parental com a criança forem ao encontro das necessidades do bebé vai ser possível estabelecer, gradualmente, padrões de interação estáveis com uma figura particular, que vão facilitar a passagem para a fase seguinte. Caso contrário, em condições ambientais muito adversas, esta fase pode prolongar-se por muito mais tempo do que os três meses.

A segunda fase denominada de **orientação e sinais dirigidos a uma (ou mais) figura(s) de vinculação discriminada(s)** (Dias et. al., 2002: 336) – dos três aos seis meses de idade – acontece o início da discriminação de figuras com quem começa a estabelecer uma relação particular. À medida que o tempo passa, o bebé começa a

mostrar preferência pelo contato com os seus cuidadores principais, dirigindo-lhes comportamentos de vinculação (incremento de sorrir, agarrar, seguir, falar). Deste modo, a criança distingue os familiares daqueles com quem tem menos contato - o medo de estranhos começa a surgir.

A terceira fase apelidada de **manutenção da proximidade em direção a uma figura através da locomoção e de sinais** (Dias et. al.,2002:337) – dos 6 aos 24 meses – acontece a discriminação fina da figura de vinculação para servir de base – segura/refúgio seguro, durante as incursões pelo meio. É nesta fase que as figuras de vinculação demonstram superior capacidade para acalmar a criança e, por isso dão-se grandes mudanças organizacionais no bebê especialmente o desenvolvimento do repertório comportamental sofisticado (locomoção) e das competências cognitivas. Quando a figura de vinculação se afasta, a criança segue-a e fica contente com o seu regresso após a sua ausência. A partir deste momento, é possível que se dê início à discriminação de outras pessoas como figuras de vinculação secundárias, como sejam o pai e os irmãos.

A última fase é designada por **relação recíproca orientada para objetivos** (Dias et. al, 2004: 338) - início por volta do segundo ano de vida - caracteriza-se pelas representações que a criança possui acerca da figura de vinculação, de si e do mundo, representações que vão influenciar as suas aproximações à figura de vinculação. Nesta fase, a criança já consegue prever as ações da figura de vinculação independentemente das suas necessidades (estabilidade espaço-temporal das representações). Deste modo, como toma em conta a perspectiva do outro, procura negociar a realização de objetivos em parceria.

De acordo com Bowlby (1988:309), existem processos orientadores da seleção de uma figura de vinculação. São eles: a) a predisposição inata para a orientação

sensorial da criança para determinados estímulos humanos (a voz, estímulo auditivo; a face, estímulo visual; as mãos e o corpo, estímulos táteis) prestando especial atenção às figuras que lhe dão atenção e cuidados; b) a aprendizagem por exposição, sendo que a criança é capaz de distinguir a pessoa que cuida dela de outras apreendendo as suas características; c) uma predisposição inata da criança para se aproximar do que lhe é familiar (pessoas e ambiente); d) o reforço do seu comportamento de acordo com o *feedback* de resultados, para o qual contribuem a sensibilidade da figura de vinculação ao choro da criança e a qualidade da interação estabelecida.

Neste processo de seleção da figura de vinculação, importa realçar que mais do que a mera prestação de cuidados à criança, o que de facto contribui para a escolha é a procura de proximidade, o efeito de base de segurança, a sensibilidade da figura e a qualidade da interação estabelecida

1.3 - Natureza e qualidade das vinculações

Ainsworth (1989:709) descreve a vinculação como o laço emocional que uma pessoa tem por outra que é percecionada como mais forte e/ou mais sábia e que lhe proporciona segurança, conforto ou ajuda, sendo possível uma pessoa estar vinculada a outra que não está vinculada a si.

A vinculação precoce (0-3 anos) é um comportamento inato dos primatas e em particular dos humanos. Neste sentido, desde o nascimento e ao longo do primeiro ano de vida, o bebé começa a estabelecer uma relação privilegiada com o adulto que lhe proporciona cuidados básicos e desse modo, assegura a sua sobrevivência. Ao realizar com regularidade essas funções o adulto tenderá a tornar-se uma figura de vinculação. Será capaz de proporcionar uma base de segurança quando o bebé revela algum tipo de desconforto nomeadamente mal-estar ou medo. Depreende-se desta forma que a relação

de vinculação poderá ser compreendida na medida em que o adulto seja capaz de garantir um ambiente seguro a um ser que procura proteção e que a percebe no outro que considera mais forte e mais apto. Trata-se pois duma relação assimétrica. Não basta a presença continuada da figura de vinculação para garantir a qualidade da mesma. A sua presença apenas indica o estabelecimento da ligação afetiva. A qualidade é determinada pela natureza das interações que se estabelecem. Para o seu desenvolvimento com qualidade, é necessária a sensibilidade da figura de vinculação para responder às necessidades de proximidade e de segurança da criança e a disponibilidade, quer em termos físicos quer em termos emocionais, para responder quando a criança a procura. Se os comportamentos inatos do bebé para promover a proximidade de um cuidador são, inicialmente, dirigidos indiscriminadamente para qualquer figura, progressivamente este vai discriminando elegendo a que cumpre a função de vinculação, passando a construir diferentes estratégias de ativação da relação consoante a figura (mãe/pai) a que se dirige (Brazelton & Greenspan, 2002 pp:17).

Bowlby (1980:200) refere que o vínculo da criança com sua mãe é produto da atividade de um certo número de sistemas comportamentais que têm proximidade com a mãe como resultado previsível. Assim, segundo Ainsworth, Blehar, Waters & Wall (1978:100), a vinculação é um tipo específico de ligação emocional onde é requerida a obtenção de segurança, enquanto numa ligação afetiva pode não ocorrer a condição de segurança. Deste modo, toda a vinculação é uma ligação emocional, mas nem todas as ligações emocionais são vinculações. Cassidy (1999:19) revela, apoiando Bowlby que existem processos básicos de funcionamento que são universais na natureza humana.

Ainsworth e colaboradores (1978:103) identificaram três padrões de interação correspondentes a diferentes organizações comportamentais da vinculação resultantes dos estudos conduzidos no Uganda e em Baltimore (EUA): o seguro, o inseguro-

ambivalente/resistente e o inseguro-evitante. Resultante ainda destes estudos é o procedimento laboratorial estandardizado de avaliação da vinculação designado de *Situação Estranha*. Este processo é destinado a estimar a organização da vinculação num contexto relacional, numa situação de stress. Permite igualmente avaliar o comportamento exploratório do bebé com base no funcionamento da mãe como base-segura, a reação ao estranho (na presença e na ausência da mãe) e por ultimo o protesto de separação

Este procedimento é constituído por uma sequência fixa de vários episódios de três minutos cada (com a duração aproximada de 20 minutos), concebida como uma aproximação a situações que a maioria dos bebés encontra no seu quotidiano e destinados a ativar e/ou intensificar o sistema comportamental de vinculação. A Situação Estranha é um poderoso indicativo da qualidade da relação experimentada pela criança com a sua mãe, após breve ausência, o modo como responde quando a mãe regressa. Utiliza como métodos de avaliação a frequência de comportamentos específicos em cada episódio (ex: locomoção, orientação visual, choro, contato físico...) e, o comportamento interativo do bebé com a mãe e com a estranha

Através da observação destes episódios Ainsworth identificou três padrões de vinculação: a vinculação segura, a insegura, no qual está inserido a vinculação ambivalente/resistente e a vinculação evitante, e por fim a vinculação desorganizada/desorientada.

As crianças classificadas como **seguras**, cerca de 60% dos casos, reagem emocionalmente à separação da figura de vinculação, envolvendo-se em seguida em comportamentos de exploração do meio, manifestando contentamento perante o seu regresso. Ainsworth (1978:110) descreve um conjunto de crianças caracterizadas pela procura ativa de proximidade e interação com a figura de vinculação, bem como de

manutenção do contato físico, quando este é obtido, sobretudo nos episódios de reunião, utilizando a mãe como refúgio seguro. A vinculação segura proporciona à criança uma maior disponibilidade de fazer mais aprendizagens, uma vez que se sente segura, a criança canaliza a sua energia para a exploração do meio que a rodeia. A criança chora com pouca frequência no entanto, nos momentos de separação mostra-se perturbada e não é reconfortada por outras pessoas. Nos reencontros com as mães, a criança saúda-a ativamente, sinaliza-a e procura o contato com ela. As figuras de vinculação das crianças seguras são sensíveis às necessidades da criança de modo consistente existindo reciprocidade nos seus comportamentos. Existe um equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração.

As crianças **inseguras-ambivalentes/resistentes**, cerca de 15% dos casos, demonstram elevados níveis de ansiedade quando a figura de vinculação se ausenta, sendo difícil acalmarem-se, não explorando o meio, e face ao regresso da figura de vinculação exibem comportamentos ambivalentes choro e desejo de proximidade e revolta demonstrando agressividade e tentando o afastamento. A criança permanece junto da mãe, aparenta alguma ansiedade e explora pouco o meio. Nos momentos de separação tem tendência a ficar inquieta e perturbada, mas quando a mãe regressa procura de imediato contato com a mesma. Os comportamentos de vinculação predominam face aos comportamentos exploratórios

O terceiro padrão de interação, o grupo das crianças **inseguras/evitantes**, correspondente a 25% dos casos, aparentemente não se incomodam com a separação da figura de vinculação, prestando atenção aos brinquedos da sala (mas sem o contentamento das crianças seguras) e quando a figura regressa não procuram ativamente o contacto, podendo exibir comportamentos de evitamento tais como ignorar, tentar afastar-se ou olhar para o lado. As figuras de vinculação deste grupo de

crianças não são sensíveis às suas necessidades, evitam manifestações de afeto e de contacto físico e exprimem poucas emoções, podendo verificar-se negligência e hostilidade. Os comportamentos exploratórios prevalecem face aos comportamentos de vinculação.

Por fim existe um comportamento que não exhibe uma atitude passível de ser classificada dentro das três tipologias, mas que exhibe uma versão mais desorganizada de um dos tipos de vinculação. – **Vinculação Desorganizada**. A criança quando separada da mãe, apresenta comportamentos contraditórios, movimentos e expressões incompletas ou indiretas, comportamentos estereotipados e movimentos assimétricos denotando-se uma conduta característica de desorganização e de desorientação. Tanto podem saudar a mãe quando regressa, ou então afastam-se dela no seu regresso. Defende-se que este tipo de vinculação seja fruto da influência do comportamento das mães, demasiadas preocupadas com alguma situação de luto em relação a uma figura de vinculação que tenha sido perdida durante a infância da mãe.

Brazelton (1988:150) defende que o mais puro sinal de vinculação é a capacidade de enfrentar a separação, nos estágios apropriados do desenvolvimento da criança, na medida em que aumenta a sua capacidade de agir por si mesmo e de aprender.

1.4 - O Papel do Educador na Creche

A creche instaura uma mudança de referenciais, na qual o bebé pode, desde muito cedo, conviver com diversos parceiros de interação. Uma relação exclusiva/diática dá lugar a um contexto múltiplo de cuidados, onde a mãe continua a ter uma importância vital, mas onde pode partilhar o desenvolvimento do seu bebé.

Segundo Ana Bela Silva, (1998: 50) o Educador deverá conhecer, conhecer-se, ser sereno, alegre, organizado e criativo, ser perspicaz, afetuoso, inteligente, curioso, expectante e ativo, enfim, ser confiante, encantar-se, gostar de aprender. Estes princípios advêm de uma interdependência entre o que aprendemos, a nossa personalidade e a sociedade na qual estamos inseridas. É neste sistema cultural, com o qual vivemos diariamente, que estabelecemos relações com as pessoas. E é como agentes comunicantes e interativos que pretendemos, também, deslocar-nos para uma comunidade educativa, desconhecida, onde há pessoas diferentes, que têm crenças e costumes distintos, e onde chegaremos, como estranhos, e teremos, à nossa responsabilidade, o futuro daquela sociedade (as crianças).

O adulto tem, portanto, um papel fundamental na vida das crianças, no seu crescimento emocional, cognitivo e social. E as relações calorosas e positivas que estabelece com elas, ajudam-nas a ganhar a sensação de confiança no mundo. No educador, o talento para simpatizar, confrontar, para a intersubjetividade – a capacidade humana para compreender a mente dos outros, seja pela linguagem, seja pelos gestos ou de outros meios não deve ser conduzida apenas pela sua intuição ou pelo gosto que tem pelas crianças (Jerome Bruner, 1996, p. 41, cit. por Hélia Pedrosa, 2003, p. 24). Deve, sobretudo, ser transportada pela formação pedagógica, observação/ação, avaliação/reflexão, interesse e admiração que se sente pelas crianças. *Os bons professores são didáticos, os professores fascinantes vão além disso. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos. Seja um professor fascinante* (Augusto Cury, 2004, p. 66).

Por isso, na Creche, o educador deverá assumir uma postura de observador participante, ativo, carinhoso, que pretende observar e compreender a criança, orientando a sua ação educativa com base nesse entendimento. Deverá disponibilizar

oportunidades para que ocorram relações favoráveis ao grupo em condições adequadas de espaço, de tempo e valores (Norman Sprinthall e Richard Sprinthall, 1993, p. 382 e 383).

Para além disso, ser educador é ser flexível, solícito, construtor contínuo de situações pedagógicas e deverá estar totalmente disponível para a criança pois quando os adultos são apoiantes e carinhosos, as crianças aprendem a ser apoiantes e carinhosas com os outros (Hohman & Weikart, 2003, p. 75).

Ser educador passa por permitir que a criança se envolva naquilo que lhe diz respeito, procurar um tempo e um espaço onde a criança se desenvolva de uma forma global – física, cognitiva, afectiva e social –, respeitar e identificar a criança enquanto pessoa única, ajudando-a a reconhecer-se e a lidar com sentimentos, ter consciência que é um modelo de comportamento, devendo por isso demonstrar atitudes corretas, de apoio e confiança e deixar que a criança tente resolver as suas próprias dificuldades. Ser educador é ponderar e avaliar situações que possam acontecer, de forma a proporcionar o melhor ambiente promotor de desenvolvimento. Ser educador é exercitar uma prática que implique a capacidade de iniciar e completar os seus atos, com previsibilidade, segurança e firmeza.

Para além disso, e tal como salientam Daniela Guimarães e Maria Isabel Leite (1999, p. 34), o educador é convocado a favorecer as condições de ação das crianças, ter sensibilidade e disponibilidade; ser companheiro de brincadeiras; estabelecer cumplicidade. Assim, a ludicidade, a continuidade e diversificação das experiências garantem a produção de significados, fundamental na estruturação das aprendizagens, na relação com o mundo externo, na socialização. O adulto é um facilitador das relações e capaz de propiciar crescimento.

O educador deverá estar atento, observar as crianças e manifestar o seu interesse pelo que estas fazem, mas sempre que possível, não interferir, dando-lhes espaço para realizarem as suas explorações e descobertas sozinhas a fim de desenvolverem a autonomia. O papel do educador em Creche passa por estar presente fisicamente, sempre disponível para responder às solicitações das crianças, estar como observador e participante, tem que ser fisicamente acessível, sem ser intrusivo e ser facilitador das interações entre elas (Figueira, 1998 p. 69).

Há que existir, por parte do educador, disponibilidade interior para estar, observar, conhecer e aprender com cada criança, atentando às necessidades e dificuldades particulares de cada uma delas, apoiando-as e proporcionando-lhes momentos de aprendizagem adequados a cada uma. É importante ter em conta que o processo de aprendizagem é o resultado da troca existente entre ele e a criança e que, nessa troca, ambos têm algo para dar e receber.

O Educador tem, também, de ser um elemento dinâmico e relacional nos espaços especificamente educativos, na família e na comunidade, fomentando a cooperação. Ele deve ter a capacidade de partilhar com estes outros atores, a educação das crianças, atuando com vocabulário e, interações ricas de sentido e valor para o desenvolvimento socio emocional das crianças.

O papel dos adultos na creche não é o de forçar o desenvolvimento, mas garantir que as experiências e rotinas diárias da criança lhe transmitam segurança emocional e encorajamento, sendo fundamental para aprender ao longo da vida. (Portugal, 2000: 108).

Por fim importa salientar que as relações que se estabelecem tanto com os pais como com a equipa educativa da instituição têm e deve ter estabilidade e consistência, uma vez que o educador desempenha um papel fundamental na vida da criança,

procurando dar-lhes uma atenção contínua em cada interação. Estas procuram relações de apoio, por isso os educadores ajudam-nas a estabelecer e a manter relações com os pares e com os outros adultos.

Capítulo II:
Metodologia de Pesquisa

Ao longo de toda a prática profissional observei vários momentos que me suscitaram interesse para a problemática: *Compreender se a adaptação da criança ao berçário é influenciada pelos comportamentos de vinculação/comportamentos de exploração que a criança exhibe.*

Esta problemática surge através do gosto que tenho pela relação entre a mãe e o bebé, do contexto onde estou inserida e das minhas inquietações e interesses.

No que diz respeito ao tipo de técnicas utilizadas, foram utilizadas dois tipos: a observação direta executada através de notas de campo e, o Inquérito por Questionário.

A primeira refere-se à observação que consistiu no meu envolvimento e participação na comunidade educacional, onde exerço a minha prática pedagógica. A observação é um acontecimento natural, sendo um modo de apreensão do que se passa com o indivíduo e à volta dele. Ao observar as crianças, o investigador introduz-se no meio das pessoas que pretende estudar, tentando conhecê-las, dando-se a conhecer, ganhar confiança para assim elaborar um registo escrito e constante de tudo aquilo que ouve e observa. Segundo Sousa (2005:109), a observação destina-se essencialmente a pesquisar problemas, a procurar respostas para questões que se levantem e a ajudar na compreensão do processo pedagógico.

Recorri à observação direta e participativa, onde observei a forma como adaptação das crianças se desenrola, a forma como se desenvolve a relação mãe – bebé e, a forma como o papel do educador influencia o desenvolvimento da criança. A observação participante é uma maneira de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles. Este tipo de observação ajuda a tornar naturais os comportamentos das crianças, e a entrada na rotina diária das mesmas ajuda a perceber os seus pensamentos e motivações.

Através das notas de campo, recolhi os dados que me pareceram mais significativos e, que me levaram a esta temática. Como refere Bogdan e Biklen (1994:150) “isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o observador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha refletindo sobre os dados”. É importante que o registo seja feito o mais depressa possível depois da observação, pois acaba-se por esquecer pormenores que, por vezes, podem ser importantes e quanto mais tempo se deixar passar, mais detalhes se vão esquecendo. Este registo dá-nos uma descrição de pessoas, de acontecimentos e, conversas. A primeira parte das notas de campo é descritiva, a outra é reflexiva. Na parte descritiva existe a preocupação de observar exatamente o local em que a ação se desenrola, como se estivéssemos a tirar uma fotografia às ações e conversas das pessoas. Depois de todas as observações feitas as notas são fundamentadas com diversos autores, que exerceram a sua atenção nos assuntos que observámos. O investigador deve refletir sobre as notas de campo que observou. Depois da observação feita o investigador deve fazer comentários. Posteriormente, o investigador deverá organizar as notas de campo, com a data, local, hora e número de sujeitos observados. No final devem ser numeradas para que seja mais fácil realizar a análise e tratamento de dados

O Inquérito por questionário utilizado é uma adaptação de Antunes e Ferreira (2009), destinado aos pais. Esta técnica permite recolher informação junto dos prestadores de cuidados que poderão dar resposta à problemática em estudo, dando-nos igualmente um esclarecimento sobre a relação de vinculação que a mãe tem com o bebé. Esta adaptação baseou-se na expectativa de haver um esclarecimento adicional sobre os aspetos que pretendemos analisar com a realização deste estudo. Este inquérito por nós usado é um instrumento multidimensional constituído por 29 itens, divididos em oito dimensões sendo elas: Dados da criança; Agregado familiar; Gravidez; Nascimento;

Hábitos alimentares; Hábitos de sono; Primeiros meses de vida e Primeiras semanas na creche (ver anexo 1)

Quadro 1: Distribuição dos itens do inquérito, suas dimensões e exemplos explicativos

Dimensões	Itens	Exemplo
Dados da criança	4 Itens: 1, 2, 3, 4	Item 3: Idade em meses com que iniciou a frequência na creche
Agregado familiar	2 Itens: 5 e 6	Item 6: Tem irmãos a frequentar a instituição?
Gravidez	5 Itens: 7, 8, 9, 10, 11	Item 9: Sentia-se preparada para ser mãe?
Nascimento	3 Itens: 12, 13, 14	Item 13: Teve algum tipo de complicações no parto?
Hábitos alimentares	2 Itens: 15 e 16	Item 16: Como se processa atualmente os hábitos alimentares da criança?
Hábitos de sono	1 Item: 17	Item 17: Como adormece habitualmente o seu bebé?
Primeiros meses de vida (até aos 4 meses)	5 Itens: 18, 19, 20, 21, 22	Item 22: Em situação de desconforto, como reage o seu bebé?
Primeiras semanas na creche	7 Itens: 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29	Item 24: Descreva as manifestações do bebé no primeiro dia da creche

Para que seja mais fácil a compreensão desta escala, explicaremos agora de forma resumida as várias dimensões que constituem este instrumento. Assim sendo, a dimensão **Dados da criança** permite-nos de forma mais direta caracterizar o universo das crianças observadas; A dimensão **Agregado Familiar** caracteriza o agregado familiar quanto á idade quanto às crianças com irmãos que frequentam a mesma instituição; A

dimensão **Gravidez** indica a forma como foi recebida e vivida a gravidez; A dimensão **Nascimento** efetua uma caracterização do parto; A dimensão **Hábitos alimentares** e **Hábitos de sono** caracterizam estes hábitos desde os primeiros dias até à atualidade; a dimensão **Primeiros meses de vida** efetua uma caracterização do bebé nos primeiros 4 meses de vida e por último a dimensão **Primeiras Semanas** na creche caracteriza as reações dos pais e dos bebés na creche.

Sendo então o Inquérito por Questionário um método quantitativo dever-se-ia recorrer à análise estatística de dados a estudar. No entanto, a metodologia utilizada é mais qualitativa uma vez que se recorreu a uma amostra pequena, a questões abertas e semi – abertas que pressupõem a análise de conteúdo das respostas dos inquiridos. A Investigação qualitativa tem como grande objetivo compreender os comportamentos e experiências humanas, tentando compreender o processo de construção da pessoa. Este tipo de investigação implica que o investigador esteja totalmente envolvido na ação, ou seja, no caso deste estudo, a investigação foi efetuada conjuntamente com a prática pedagógica. Como explica Bogdan e Bikley (1994:94) a investigação qualitativa “ é fonte direta de dados, é o ambiente natural constituindo o investigador o instrumento principal”. Segundo estes autores, este tipo de investigação possui cinco características: em primeiro lugar o ambiente natural é a fonte direta dos dados e o pesquisador é o instrumento principal; de seguida a investigação qualitativa é descritiva; em terceiro há mais interesse pelos processos do que pelos resultados; em quarto tende-se a analisar os dados de forma indutiva e, por último o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

A recolha de dados realizou-se durante o mês de Abril do ano de 2014. Antes da entrega do questionário para preenchimento foram dadas algumas instruções às mães,

para uma melhor compreensão do mesmo. É de interesse salientar que as mães em questão se disponibilizaram prontamente para o preenchimento do inquérito. Na maioria dos casos, o inquérito foi-me entregue no dia seguinte demonstrando sempre uma grande disponibilidade para qualquer ajuda no desenvolvimento do trabalho de investigação.

O grupo de crianças em análise é constituído por 10 crianças (6 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 11 e os 18 meses pertencentes à sala de Berçário do Centro Comunitário Sra. da Boa Nova. Responderam a este questionário as mães das 10 crianças que prontamente se mostraram disponíveis para cooperar neste relatório de investigação.

Após apresentada a metodologia utilizada, segue-se a análise e o tratamento de dados que têm como finalidade conseguir encontrar respostas para as questões norteadoras:

- De que modo é que a criança que direciona a sua energia para a exploração do meio e que se sente segura expondo uma maior disponibilidade para fazer aprendizagens, apresenta uma maior facilidade na adaptação ao berçário?

- De que modo é que criança que explora pouco o meio e que aparenta alguma ansiedade no contato com outras crianças apresenta uma menor facilidade na adaptação ao berçário?

- De que modo é que a relação que a criança estabelece com educador influencia a adaptação da criança ao berçário?

Capítulo III:

Apresentação e análise dos Resultados

Neste capítulo pretende-se apresentar e analisar os resultados obtidos na investigação em curso. De encontro às questões do presente estudo pretendemos verificar e compreender se a adaptação da criança ao berçário é influenciada pelos comportamentos de vinculação/comportamentos de exploração que a criança exhibe.

A análise de dados é um procedimento que pretende recolher e organizar a informação através dos dados recolhidos através do Inquérito por Questionário e das notas de campo que foram sendo reunidas ao longo da prática pedagógica. Após organizar toda a informação e através da análise de dados será mais fácil a compreensão de todos os aspetos inerentes à temática estudada.

3.1 - Apresentação e análise dos resultados dos Inquéritos por Questionário

3.1.1- Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão: Dados da criança

Através das respostas dadas nos inquéritos por questionário relativamente à dimensão **Dados da criança** (onde se incluem os itens 1, 2, 3 e 4) foi composto um quadro explicativo do universo de crianças observadas, caracterizando-as por idade e sexo. Será elaborado posteriormente, uma caracterização descritiva das mesmas com referência a algumas características pessoais. Convém realçar novamente que os dados recolhidos datam de Abril de 2014 e, que a idade das crianças é calculada tendo em conta este mês.

Quadro 2: Caracterização do universo de crianças observadas por idade e por sexo

Idade	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
10 Meses	1	2	3
11 Meses	0	1	1
14 Meses	1	1	2
15 Meses	2	2	4

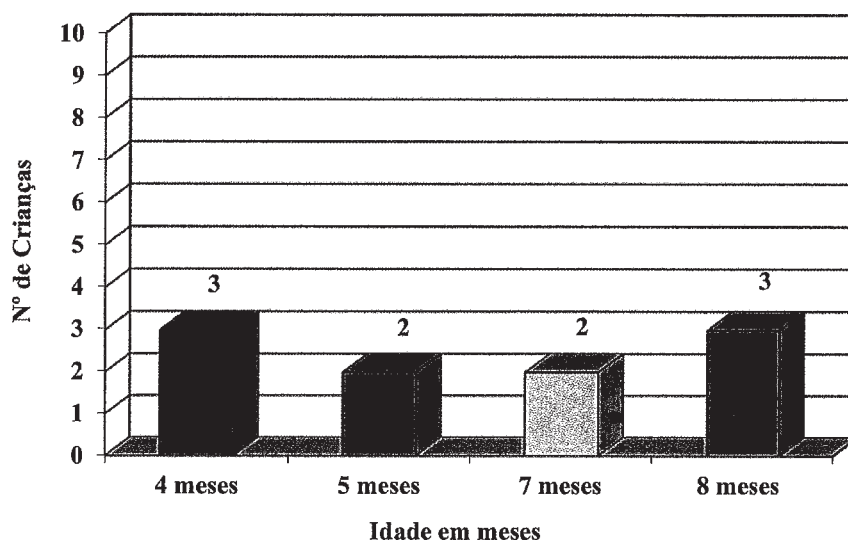
O Grupo do Berçário não é um grupo homogêneo a nível dos sexos, sendo que existe predominância do sexo feminino (6 são do sexo feminino e 4 do sexo masculino). Este grupo apresenta idades compreendidas entre 10 meses e 15 meses.

São crianças que apresentam um enorme gosto em estar na sala. Gostam de explorar o espaço, de ouvir músicas, de receber carinhos, e de contactar com crianças de outras faixas etárias. Sendo que no espaço da nossa sala está integrado um pequeno pátio, onde também crianças da sala dos 3 anos brincam, é usual as crianças mais velhas fazerem parte do dia-a-dia da sala do berçário, já que considero que a interação entre crianças em momentos de desenvolvimento diferentes é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem.

A maior parte do grupo já adquiriu a marcha, e os restantes já gatinham, pondo-se de pé agarrados a qualquer objeto, durante algum tempo.

Ainda no que se refere à dimensão **Dados da Criança**, foi elaborado um gráfico elucidativo da caracterização do universo de crianças observadas, pela idade com que iniciaram a frequência na creche.

Gráfico 1 - Caracterização do universo de crianças observadas pela idade com que iniciaram a frequência na creche



O gráfico apresenta os dados recolhidos relativamente à idade com que as crianças entraram na creche. O que o gráfico nos indica é que 3 crianças iniciaram a sua frequência na creche com 4 meses, 2 crianças com 5 meses, 2 crianças com 7 meses e 3 crianças com 8 meses de idade.

Dando algum sentido ao que o anterior gráfico demonstrou, um estudo da Unicef datado do ano de 2008, concluiu que cada vez mais, as crianças mais pequenas passam os primeiros anos de vida em creches ou em jardim-de-infância e não com a família. Nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) mais de dois terços de todas as mulheres em idade ativa trabalham atualmente fora de casa. Na última década, muitos países da OCDE também começaram a deparar-se com subidas acentuadas no número de bebés - menores de um ano - confiados a estruturas de cuidados fora de casa.

Para terminar a apresentação dos dados recolhidos na dimensão **Dados da Criança**, foi preparado um gráfico que apresenta a distribuição do universo das crianças consoante os responsáveis a que estão a cargo.

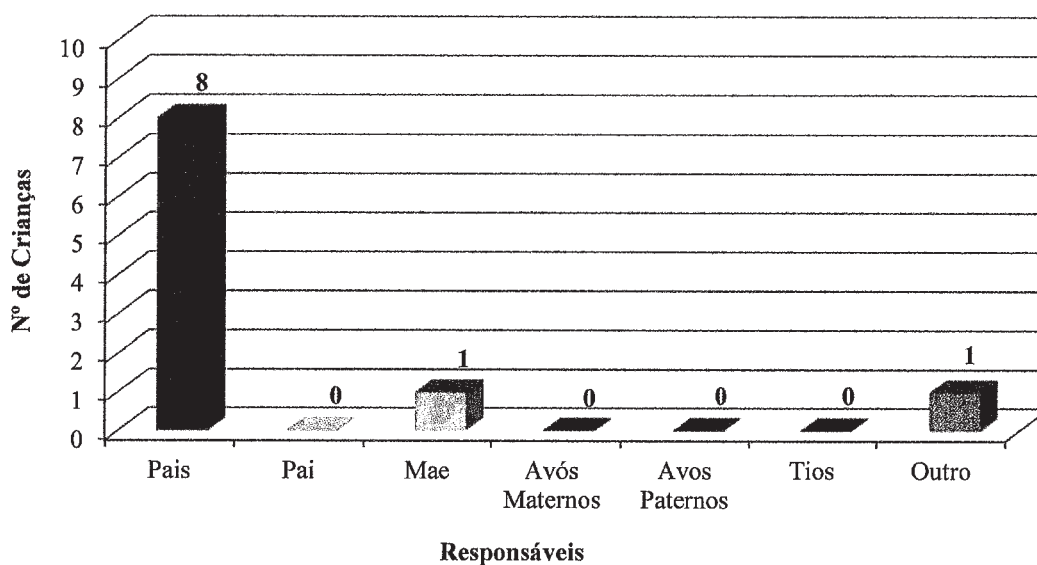


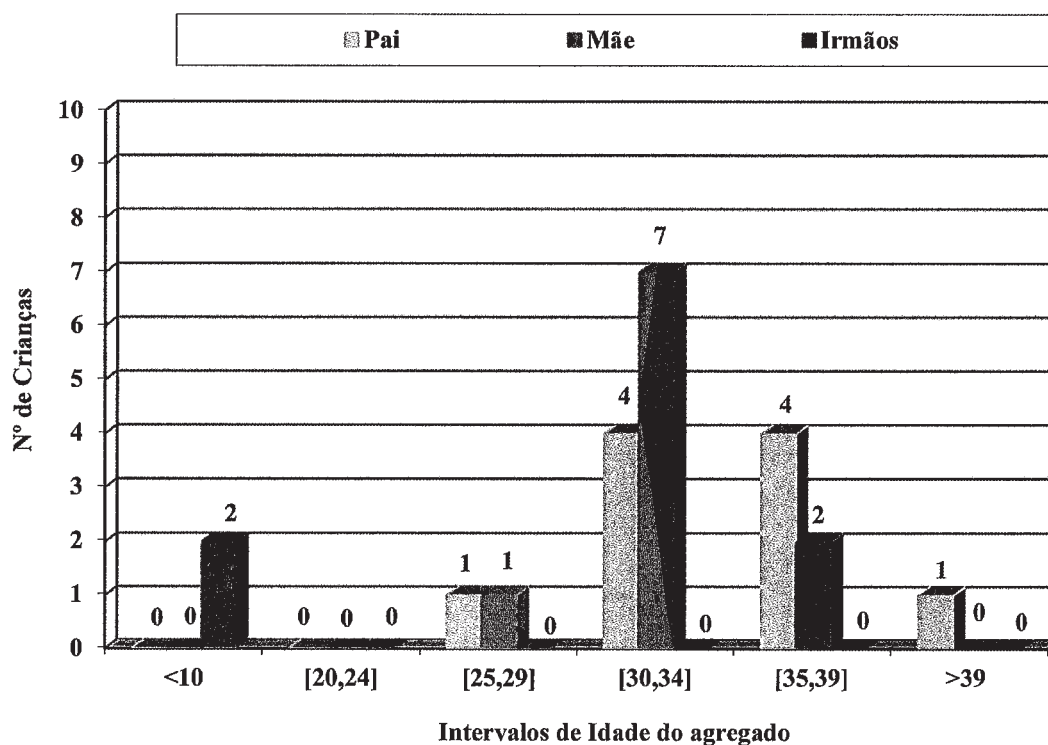
Gráfico 2 - Caracterização do universo de crianças consoante a quem estão a cargo

Através deste gráfico, pode-se constatar que 8 crianças estão a cargo dos pais, 1 a cargo unicamente da Mãe e, 1 a cargo de “Outro”. Especificando este “Outro” e, transcrevendo exatamente o questionário em causa, a criança está “à guarda dos “Avós”, indicando que isto acontece por “falta de segurança da mãe, com história de risco”. Em relação a este assunto, não foi dada mais nenhuma indicação.

3.1.2 – Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão: Agregado familiar

No que diz respeito à dimensão **Agregado familiar** (onde se incluem os itens 5 e 6) foi constituído um gráfico que representa o agregado familiar das crianças, no que se refere à idade.

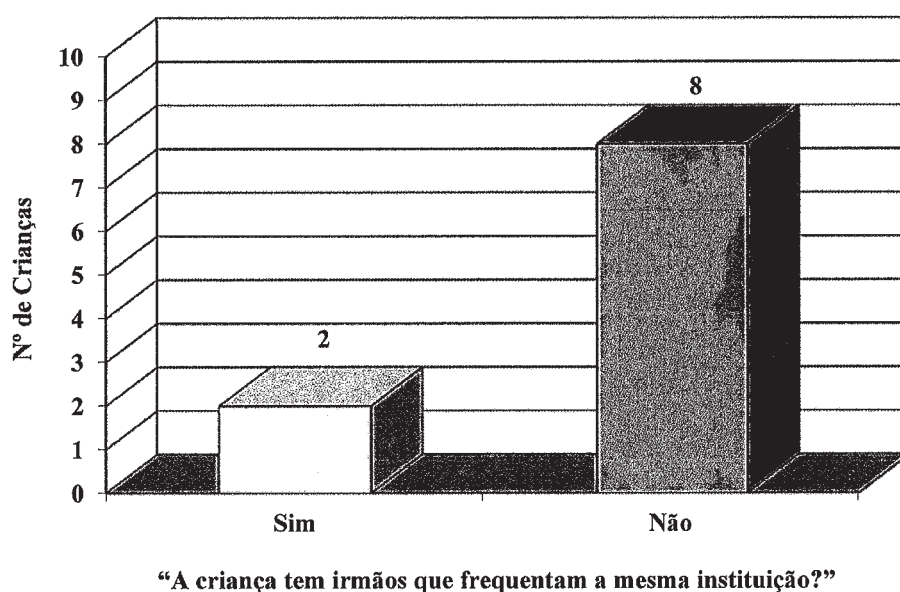
Gráfico 3 - Caracterização do agregado familiar no que respeita à idade



Conclui-se que a maioria das mães tem idades compreendidas entre 30 e 34 anos, e que existem apenas 2 crianças com irmãos que tem uma idade inferior a dez anos.

Inserido na dimensão **Agregado Familiar**, é pedido aos pais que assinalem se as crianças em causa tem irmãos a frequentar a mesma instituição. Após as respostas dadas foi possível elaborar um gráfico que apresenta a quantidade de crianças com irmãos que frequentem a mesma instituição.

Gráfico 4 - Caracterização do universo de crianças com irmãos que frequentem a mesma instituição



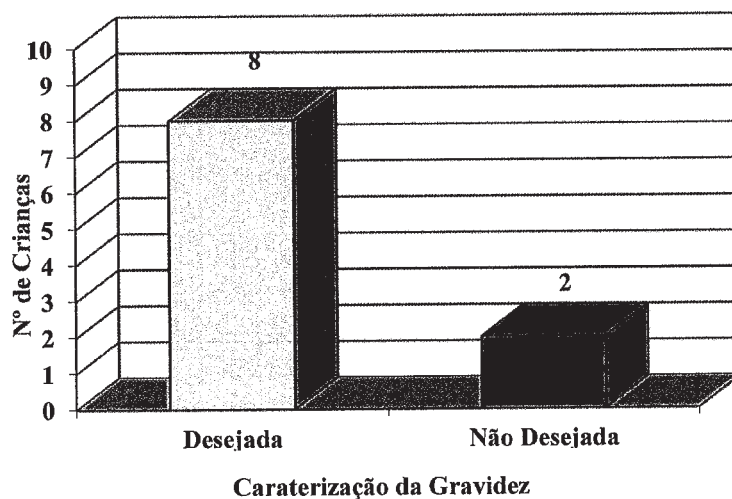
Segundo as respostas dadas é de salientar que apenas duas crianças têm irmãos que frequentam a mesma instituição.

3.1.3 – Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão: Gravidez

Para analisar a dimensão **Gravidez** (Itens 7, 8, 9, 10 e 11) é necessário executar vários gráficos explicativos que caracterizem as respostas dadas pelos pais.

Primeiramente foi elaborado um gráfico que caracteriza a gravidez como: desejada ou não desejada.

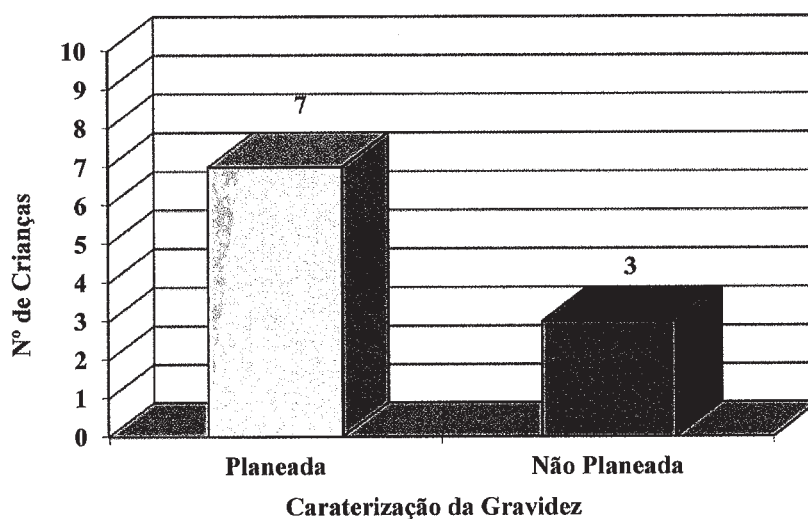
Gráfico 5 - Caracterização da Gravidez



Relativamente à pergunta explicitada no gráfico anterior é benéfico salientar que 8 mães consideraram que a gravidez foi desejada e, duas mães caracterizaram a gravidez como não desejada.

Posteriormente foi realizado um outro gráfico que esclarece sobre a pergunta: “Foi uma gravidez planeada?” (Item 8), que se inclui ainda na dimensão **Gravidez**.

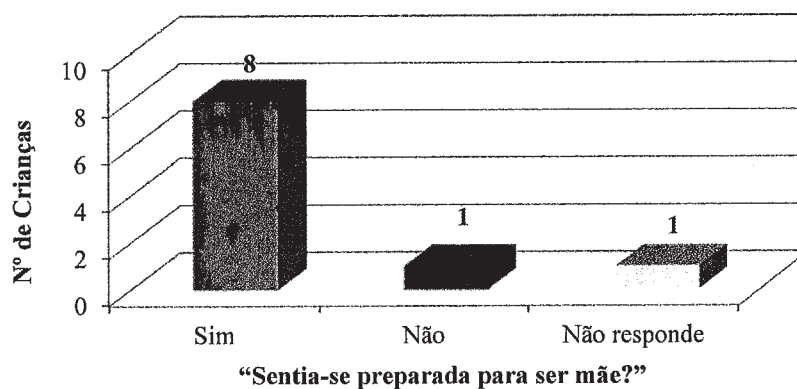
Gráfico 6 - Caracterização da Gravidez



O gráfico anterior demonstra que 7 gravidezes foram consideradas como planeadas e, 3 foram consideradas como não planeadas.

Para apresentação e análise do item 9, foi elaborado um gráfico que aclara o número de respostas à pergunta: “Sentia-se preparada para ser mãe”? As respostas exibem-se no gráfico em seguida.

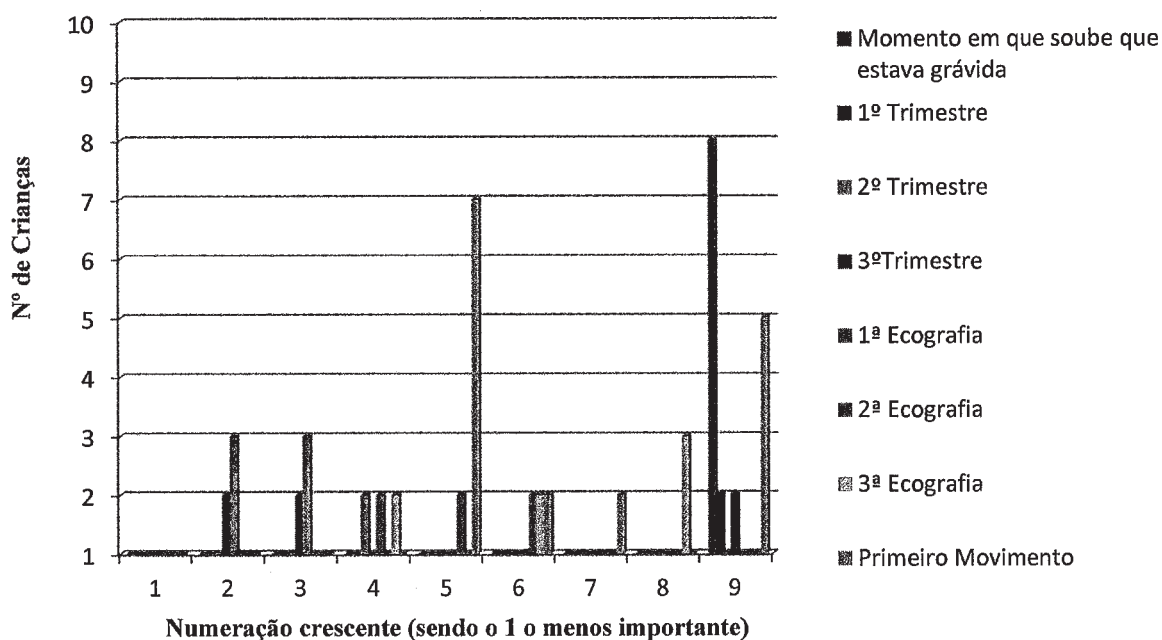
Gráfico 7 - Preparação para a gravidez



Segundo as respostas dadas, é possível afirmar que na maioria dos casos as mães sentiam-se preparadas para assumir este novo cargo. Apenas 1 não se sentia preparada, e outra não respondeu, deixando o espaço para a resposta em branco.

O gráfico realizado e exibido em seguida diz respeito à enumeração, por ordem crescente (de 1 a 9), do momento mais emocionante durante a gravidez.

Gráfico 8 - Enumeração dos momentos da gravidez



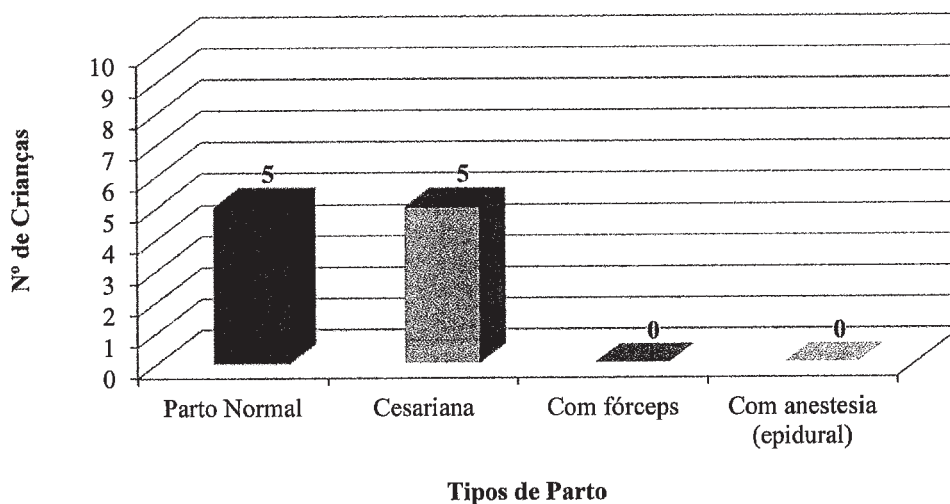
Como análise do gráfico anterior é possível salientar que a opção “momento em que soube que estava grávida” foi o que, maioritariamente, se evidenciou como mais importante, tendo 8 mães escolhido esta situação como aquela que mais importância teve em todo o processo.

3.1.4 – Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão: Nascimento

A dimensão **Nascimento**, onde se incluem os itens 12,13 e 14, permite efetuar uma caracterização do parto, de alguma complicação que tenha surgido durante o mesmo e, ainda averigua se houve, ou não, contato físico imediato com o bebé.

Relativamente ao item 12, foi efetuado um gráfico com a discriminação do tipo de parto.

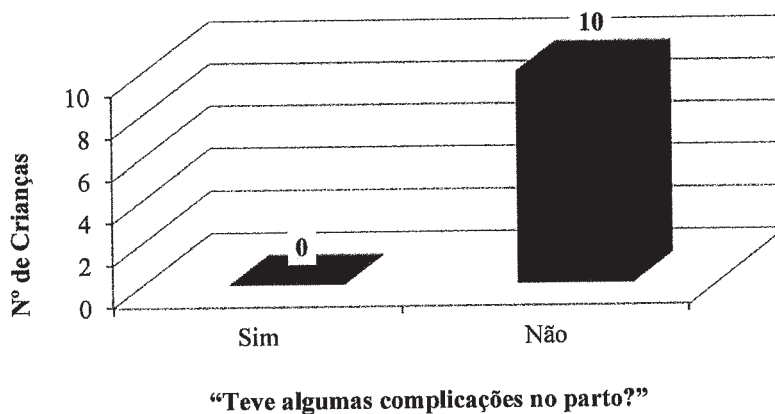
Gráfico 9 - Caracterização dos partos



Identifica-se através do gráfico anterior que, houve tantos partos normais como cesarianas, sendo 5 as mães que tiveram parto normal e 5 as mães com cesariana. Relativamente ao à utilização de fórceps e de anestesia durante o parto, nenhuma mãe nomeou o seu uso.

No que concerne ao item 13, é analisado a existência de complicações no parto. O gráfico seguinte exemplifica-o.

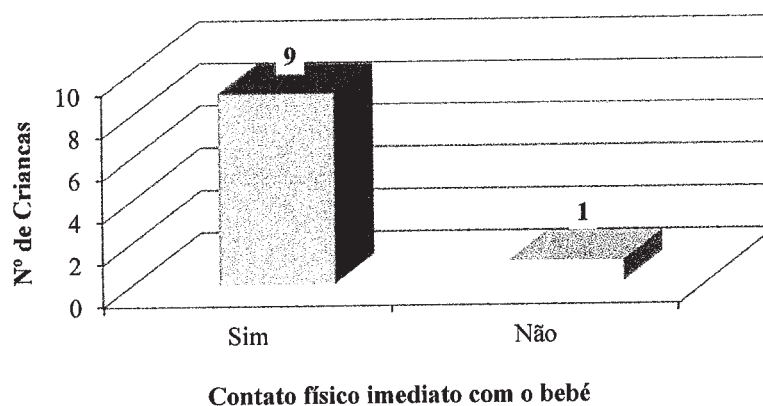
Gráfico 10 - Identificação da existência, ou não, de complicações no parto



Pelo gráfico anterior não foram identificadas nenhuma complicações nos partos das crianças do universo em questão.

No último item da dimensão Nascimento é questionado se “Logo após o nascimento, teve de imediato contato físico com o seu bebê?”. O gráfico de seguida exemplifica a resposta a esta questão.

Gráfico 11 - Existência do contato físico imediato após o parto



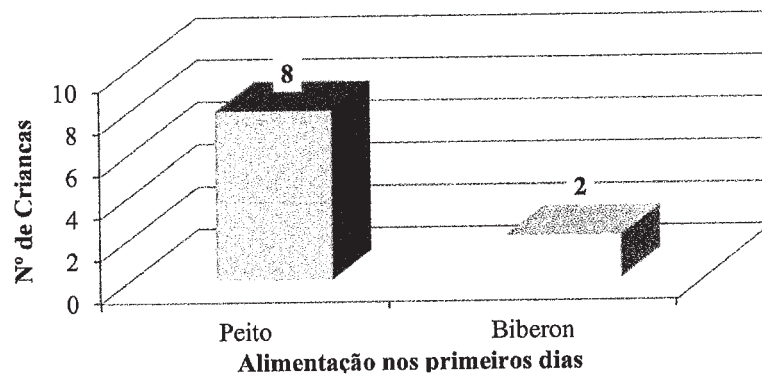
É possível verificar a existência de 1 resposta não, ou seja, apenas 1 mãe não teve contato físico imediato após o parto.

3.1.5 – Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão: Hábitos Alimentares

Na dimensão **Hábitos Alimentares (item 15 e 16)** é analisado a alimentação da criança desde o nascimento até à atualidade.

O Item 15 analisa os hábitos alimentares nos primeiros dias. O gráfico em seguida exemplifica a hipótese de a criança ser alimentada por peito ou biberon.

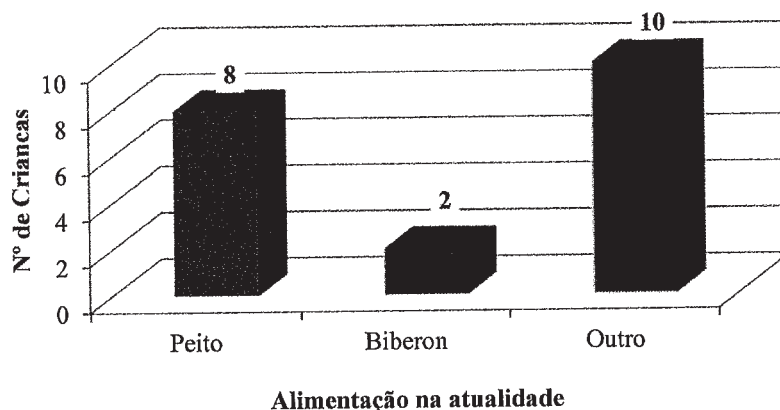
Gráfico 12 - Caracterização da alimentação do bebé nos primeiros dias



Apenas duas crianças foram alimentadas a biberon, enquanto a maioria (8 crianças) foram alimentadas a peito.

O segundo e último item da dimensão **Hábitos Alimentares** caracteriza a alimentação da criança nos dias de hoje. Elaborou-se um gráfico explicativo disso mesmo.

Gráfico 13 - Caracterização da alimentação do bebé na atualidade



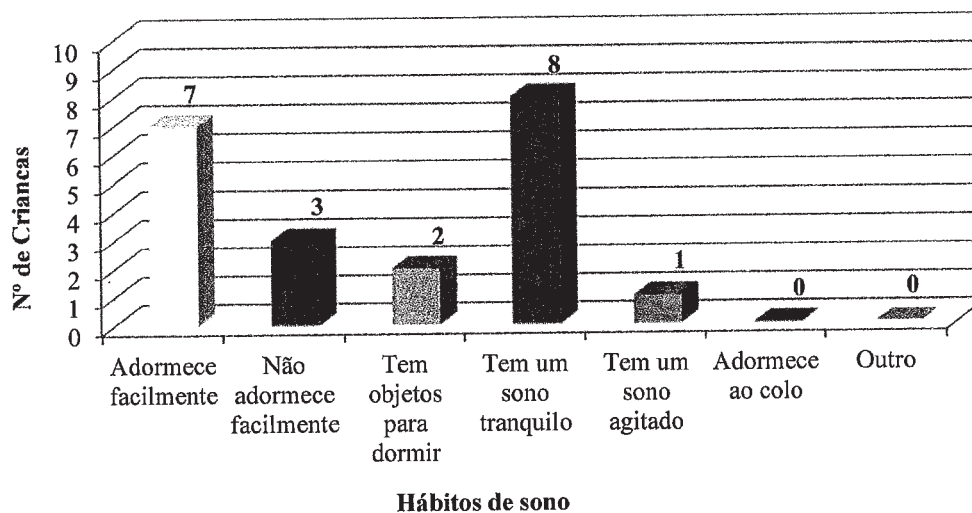
Atualmente, apenas 2 das crianças utilizam o biberon e 8 são alimentadas a peito. No entanto as 10 crianças já iniciaram a introdução de papas, fruta e também as primeiras sopas.

3.1.6 – Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão:

Hábitos de Sono

A Sexta dimensão do inquérito em causa – **Hábitos de sono** (Item 17) - diz respeito à caracterização do sono da criança. Entre várias hipóteses as mães elegeram aquelas que melhor se adaptam aos seus filhos.

Gráfico 14 - Caracterização dos hábitos de sono



Segundo o gráfico exposto anteriormente é possível afirmar que a maior parte dos bebés tem um sono tranquilo e, adormece facilmente. Apenas 1 tem um sono agitado, 3 não adormecem facilmente e, 2 tem objetos para dormir.

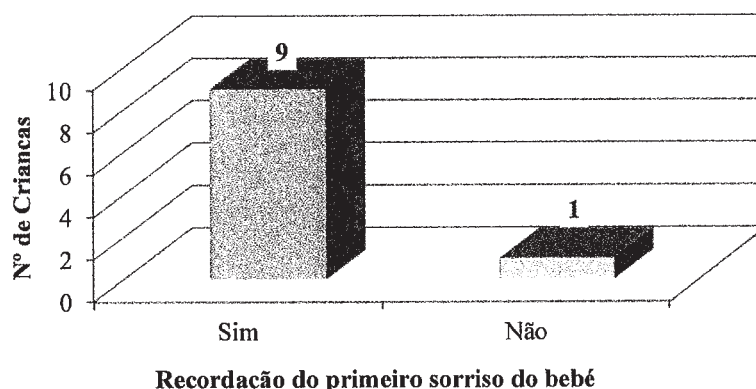
3.1.7 – Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão:

Primeiros meses de vida

A sétima dimensão – **Primeiros meses de vida (até aos 4 meses)** - destina-se a caracterizar a vida do bebé até à entrada na creche. Desta dimensão fazem parte os Itens 18, 19,20,21 e 22.

No item 18, as mães são questionadas sobre a recordação, ou não, do primeiro sorriso do bebé. O quadro em seguida apresenta as respostas dadas.

Gráfico 15 - Recordação do primeiro sorriso do bebé

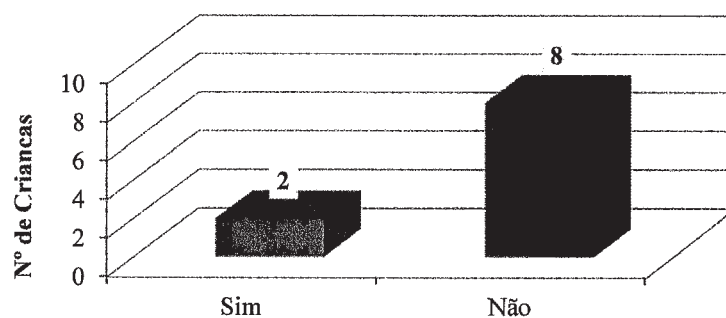


Pelo gráfico acima, conseguimos identificar que apenas uma mãe não se recorda do primeiro sorriso do seu filho, enquanto as restantes (9) relembra-se do mesmo.

No item 18.1 é pedido que seja descrito o momento do primeiro sorriso da criança. Entre as várias respostas dadas, a maioria dos pais descreveram o momento como “único”, “de muita alegria” e “espetacular”. Algumas mães conseguiram compreender a causa do sorriso apresentando respostas como: “O primeiro sorriso foi esboçado quando estava para adormecer”, “o primeiro sorriso aconteceu quando estava deitada a mudar a fralda”, ou “o primeiro sorriso aconteceu como resposta a um sorriso do pai”.

O item 19 requeria às mães que explicitasse o reconhecimento, ou não, de diferentes tipos de sorriso.

Gráfico 16 – Reconhecimento de diferentes tipos de sorriso

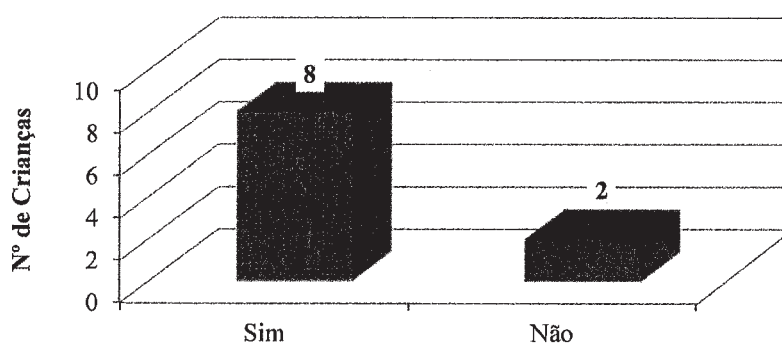
**Reconhecimento de diferentes tipos sorriso**

Através do gráfico anterior é de salientar que, a maioria das mães (8) não reconhece diferentes tipos de sorriso sendo que apenas duas o reconhecem.

No item 19.1 é pedido à mãe que descreva os diferentes tipos de sorriso. Através das respostas dadas é possível constatar que os pais identificam sorrisos de satisfação, de felicidade e ainda sorriso de quando dirigem a atenção ao bebé.

O item 20 questiona as mães sobre o reconhecimento ou não de diferentes tipos de choro. Foi elaborado um gráfico que demonstra as respostas dadas.

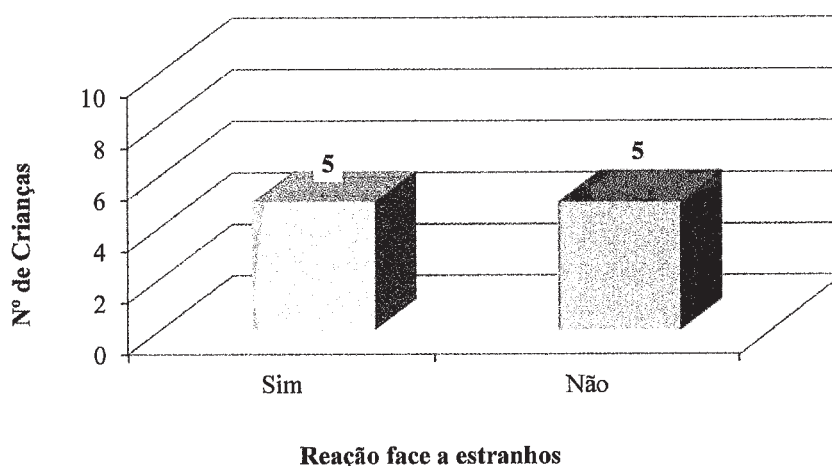
Gráfico 17 – Reconhecimento de diferentes tipos de choro

**Reconhecimento de diferentes tipos de choro**

Do gráfico apresentado, podemos verificar que apenas 2 mães não reconhecem diferentes tipos de choro, enquanto as restantes 8 reconhecem.

Quanto ao item 21 em que é perguntado se o bebé reagiu a pessoas estranhas, foi elaborado um gráfico esclarecedor que será exibido de seguida.

Gráfico 18 – Reação face a estranhos



Analisando o gráfico 16, é possível verificar que 5 crianças reagem a pessoas estranhas, nos primeiros meses de vida, e as restantes 5 não reagem.

Foi solicitado às mães, que descrevessem as reações que as crianças apresentavam quando estavam com estranhos. Maioritariamente as respostas dadas pelas mães revelam que as crianças choram intensivamente só acalmando quando obtinham contato físico com a mãe.

Como último item da dimensão **Primeiros meses de vida (até aos 4 meses)**, era questionado qual a reação do bebé em situações de desconforto. Como aconteceu no item anterior, a maioria das mães respondeu que o choro intenso era o mais utilizado como reação em situações de desconforto.

3.1.8 - Caracterização do universo de crianças observadas – Dimensão: Primeiras semanas na creche

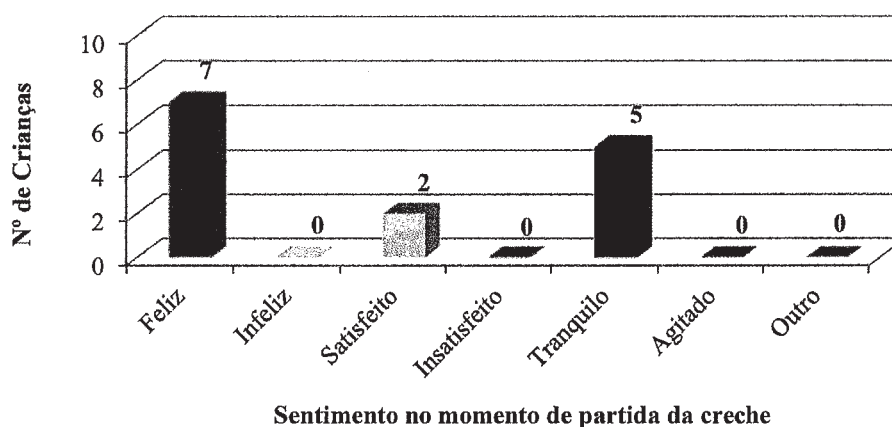
A última dimensão do questionário – **Primeiras semanas na creche** – do qual fazem parte os itens 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29 pretende descrever o momento de entrada no berçário.

Como resposta ao item 23 “O que sentiram os pais, no primeiro dia em que o seu bebé foi para a creche?”, a maioria das mães sentiram ansiedade, tristeza e desconforto. Algumas delas explanaram que confiam no trabalho efetuado pelas responsáveis de sala, mas acreditam que a ansiedade é normal destes momentos.

Quanto ao item 24, era solicitado que se descrevesse as manifestações do bebé no primeiro dia de creche. Foi bastante interessante verificar que a maior parte das crianças reagiu de uma forma positiva à entrada da creche. Tranquilidade foi o sentimento mais identificado pelas mães.

Posteriormente é pedido que seja identificado a forma como as mães sentiam os seus filhos no momento de chegada e partida à creche.

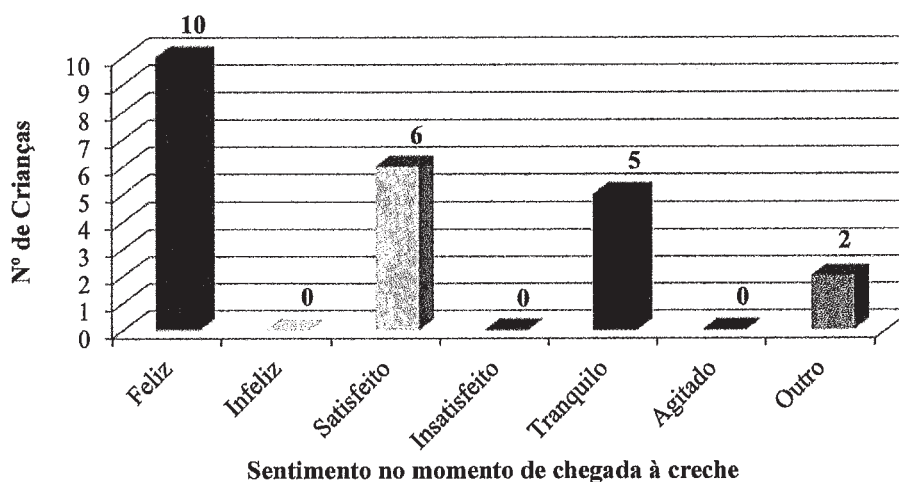
Gráfico 19 – Identificação do sentimento no momento de partida da creche



Relativamente ao momento em que as mães vão buscar os seus filhos à creche, o sentimento de felicidade e tranquilidade são os mais enumerados pelas mães. São 7 as mães que consideram que sentem que os seus filhos estão felizes e, 5 sentem que a tranquilidade é o melhor adjetivo para caracterizar o estado dos bebés.

No que concerne ao momento de chegada à creche, foi elaborado um gráfico elucidativo das respostas das mães.

Gráfico 20 – Identificação do sentimento no momento de chegada à creche.



O gráfico acima transcreve as respostas das mães relativamente a forma como sentem os seus filhos no momento de chegada á creche. Todas as mães (10) consideram que os seus filhos estão felizes quando chegam à creche, 6 mães acreditam que os seus filhos estão satisfeitos e, 5 mães acrescentam ainda a presença do estado de tranquilidade.

No item 27 é pedido às mães que descrevam a reação dos seus filhos no momento de chegada à creche, quando a vê. A maior parte das mães relatam a

tranquilidade e que encontram os seus filhos enumerando “um sorriso cúmplice e, gatinha para mim”, ou ainda “ri-se para mim e levanta os braços”.

No momento de separação entre a mãe e o bebé, as mães identificam a calma e a tranquilidade em que deixam os seus filhos. Segundo as respostas das mães dadas no item 28, a maior parte das crianças reage positivamente quando vê a mãe partir “ficando tranquilo no colo da responsável de sala”.

No último item do questionário (item 29), era pedido às mães que no caso de ainda amamentarem o seus bebés e caso o fizessem na instituição, identificassem a reação dos mesmos. Nenhuma mãe respondeu a este item, na medida em que não existem casos de mães que se desloquem à sala para amamentar.

3.2 - Apresentação e análise dos resultados das Notas de Campo

As notas de campo são analisadas pelo investigador estimulando o pensamento daquilo que foi observado e ilustrado com vários autores. O Investigador tem que realizar uma vasta pesquisa sobre a temática que pretende realizar. No final de recolher todas as notas de campo cabe ao observador organizá-las da melhor forma para poder começar a estruturar a sua investigação, numerando-as e, separando-as por temas.

As notas de campo que recolhi são resultado da observação das crianças em vários contextos. Considero que todas as observações registadas foram aquelas que me pareceram mais significativas para este estudo. As notas de campo que observei foram bastante importantes para organizar a investigação e, centrar a problemática do estudo em três questões norteadoras. Deste modo, registei comportamentos de diferentes crianças bem como, algumas conversas que se desenrolaram com as mães.

A primeira questão norteadora **“De que modo é que uma criança que direciona a sua energia para a exploração do meio e que se sente segura expondo uma maior disponibilidade para fazer aprendizagens, apresenta uma maior facilidade na adaptação ao berçário”** foi estruturada tendo em conta o comportamento de várias crianças que desde o início se mostraram seguras e com elevada auto estima, tendo bastante interesse na exploração do meio. Sempre foram crianças que exploravam ativamente, que arriscavam e, que de uma forma adequada procuravam o contato físico com o adulto.

“A mãe da M. deixa-a explorar a sala à vontade, enquanto esperamos que as restantes crianças cheguem. Quando iniciamos o momento, a mãe chama a sua filha e esta vai para o seu colo. Ao longo da música, a M. vai batendo palmas e abanando o corpo, acompanhando a música. Sorri muitas vezes e, diz olá a todas as mães que estão presentes. Na altura da separação, a M. apresenta alguma resistência em passar para o meu colo, mas quando isto acontece a M. fica mais calma e chega mesmo a dizer adeus à mãe.” (Nota de campo nº6, 7 de Fevereiro de 2014)

Após ultrapassada a fase de adaptação (cerca de 1 mês e meio), esta criança sempre demonstrou uma confiança no espaço e nos adultos que a rodeiam. É uma criança que explora o meio com confiança e que arrisca em diversas situações. Sempre foi uma criança que demonstrou emoções adequadas perante as diversas situações. Desenvolveu desde o início uma relação saudável com todas as crianças e com os adultos, quer os que estão mais presentes no seu quotidiano, quer aqueles com quem tem menos contato. Ao observar a relação entre esta criança e a sua mãe, é de notar a tranquilidade em que esta se desenrola. Deste modo, e no momento de observação que foi registado na nota de campo nº 6 é de salientar que esta criança desenvolve com a

mãe uma relação saudável, utilizando a figura de vinculação como base de segurança a partir do qual explora o meio. A qualidade da vinculação mãe bebê tem sido associada a uma melhor adaptação das crianças ao longo da infância e em diferentes áreas. A qualidade da vinculação está associada ao desenvolvimento das características de personalidade e autoconceito que facilitam a adaptação das crianças a diferentes espaços (Thompson,1999: 266).

A segunda questão norteadora **“De que modo é que uma criança que explora pouco o meio e que aparenta alguma ansiedade no contato com outras crianças, apresenta uma menor facilidade na adaptação ao berçário?”** surgiu devido ao comportamento de algumas crianças com quem contato diariamente. São crianças que se mostram inseguras, que não exploram o meio e, que usualmente preferem o contato físico com o adulto à interação com as outras crianças. **“A mãe do D. costuma ser presença assídua nestes momentos. Contudo, o D. não sai do colo da mãe, não explora a sala, não interage nem acompanha as músicas nem com gestos, nem com palmas, preferindo sempre o contato físico.”** (Nota de campo nº 3, 4 Outubro de 2013). Esta é uma criança que chora intensivamente nos momentos de separação, sendo difícil e demorado acalmar-se. Procura muito pouco a relação com as outras crianças e, estranha os adultos que não são tão presentes no seu quotidiano. Segundo Ainsworth (1978:100) as crianças inseguras-ambivalentes/resistentes, cerca de 15% dos casos, demonstram elevados níveis de ansiedade quando a figura de vinculação se ausenta, sendo difícil acalmarem-se, não explorando o meio, e face ao regresso da figura de vinculação exibem comportamentos ambivalentes, choro e desejo de proximidade e revolta.

A terceira e última questão norteadora **“De que modo a relação que a criança estabelece com educador influencia a adaptação da mesma ao berçário?”** ocorreram

devido à importância que o adulto cuidador tem na vida da criança. Pela observação que fui efetuado e pela conversa que vou tendo com as mães, acredito que o adulto é peça fundamental para que o processo de desenvolvimento da criança ocorra de uma maneira saudável.

“A mãe da M. J. confidenciou-me que a sua filha adora a escola. Disse-me que acredita que a adaptação foi efetuada da melhor forma e que a escola tem tido um papel muito importante no desenvolvimento. Afirmou ainda que a maneira como eu e a auxiliar a recebemos é reflexo da maneira como interagimos com ela durante o dia. No momento da separação a M. J. vem para o meu colo a sorrir, e diz adeus à mãe acenando a mão” (Nota de campo nº 7, 14 de Abril de 2014). As relações calorosas e positivas que o adulto deverá estabelecer com as crianças ajudam-nas a ganhar a sensação de confiança no mundo. No educador, o talento para simpatizar, confrontar, para a intersubjetividade – a capacidade humana para compreender a mente dos outros, seja pela linguagem, seja pelos gestos ou de outros meios não deve ser conduzida apenas pela sua intuição ou pelo gosto que tem pelas crianças (Jerome Bruner, 1996 p. 41, cit. por Hélia Pedrosa, 2003, p. 24).

O educador deverá estar atento, observar as crianças e manifestar o seu interesse pelo que estas fazem, mas sempre que possível, não interferir, dando-lhes espaço para realizarem as suas explorações e descobertas sozinhas a fim de desenvolverem a autonomia. Esta atitude do educador levará a criança a sentir-se mais segura, mais ciente das suas capacidades, aumentando a sua autoestima. O papel do educador em Creche passa por estar presente fisicamente, sempre disponível para responder às solicitações das crianças, estar como observador e participante, tem que ser fisicamente acessível, sem ser intrusivo e ser facilitador das interações entre elas (Figueira, 1998 p. 69).

Considerações Finais

No dia 4 de Novembro quando iniciei a Prática de Ensino Supervisionada, não tinha ideia do impacto que as experiências decorrentes do estágio teriam no meu futuro profissional. Com a professora com que realizei o estágio aprendi, entre outras coisas, várias dinâmicas a utilizar em sala, e várias formas de observar e registar o que mais importa. Com este estágio ganhei mais confiança em mim, mais segurança e, mais humildade, que me levará a aperfeiçoar ou até modificar a minha prática pedagógica.

A realização desta investigação deu-me muito prazer pessoal e acredito que poderá dar algum contributo à questão da vinculação da mãe ao bebé e a sua influência na adaptação ao berçário.

A temática trabalhada, a utilização do inquérito por questionário, e a recolha das notas de campo atraíram-me sempre e entusiasmaram-me ao longo da pesquisa, reflexão e conclusões para a realização deste estudo.

Ao longo de todas as experiências que tive em estágio e com o enquadramento teórico e a análise de resultados, foi-me permitido chegar às respostas e validar as questões que coloquei no início desta investigação:

- De que modo é que uma criança que direciona a sua energia para a exploração do meio e que se sente segura expondo uma maior disponibilidade para fazer aprendizagens, apresenta uma maior facilidade na adaptação ao berçário?

Através das respostas dadas pelas mães ao inquérito por questionário, e através das notas de campo por mim recolhidas em sala de aula, é possível afirmar que a criança que demonstra uma maior disponibilidade de fazer mais aprendizagens, e que se sente segura apresenta uma maior facilidade na adaptação ao berçário. Isto acontece devido a estas crianças serem caracterizadas pela procura ativa de proximidade e interação com a figura de vinculação, bem como pela manutenção do contato físico, quando este é obtido, sobretudo nos episódios de reunião, utilizando a mãe como refúgio seguro. São

crianças que choram com pouca frequência no entanto, nos momentos de separação mostram-se perturbadas e não são reconfortadas por outras pessoas. Nos reencontros com as mães, a criança saúda-a ativamente, sinaliza-a e procura o contato com ela. As figuras de vinculação são sensíveis às necessidades da criança de modo consistente existindo reciprocidade nos seus comportamentos. Existe um equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração (ver Nota de campo nº6 de 7 de Fevereiro de 2014). As crianças em causa são maioritariamente bebés felizes, satisfeitas e tranquilas (ver gráficos 17 e 18), que reagiram positivamente ao primeiro dia de creche (ver análise da resposta ao item 24). A qualidade da vinculação mãe - bebé tem sido associada a uma melhor adaptação das crianças ao longo da infância e em diferentes áreas. A qualidade da vinculação está associada ao desenvolvimento das características de personalidade e autoconceito que facilitam a adaptação das crianças a diferentes espaços (Thompson,2008).

No que concerne à segunda questão norteadora – **De que modo é que uma criança que explora pouco o meio e que aparenta alguma ansiedade no contato com outras crianças apresenta uma menor facilidade na adaptação ao berçário?** – ficou demonstrado, através do inquérito por questionário e das notas de campo, que as crianças que demonstram ansiedade e insegurança na exploração do meio tem maiores dificuldades em adaptarem-se a novos espaços e, conseqüentemente ao berçário. São crianças que apresentam elevados níveis de ansiedade quando a figura de vinculação se ausenta, sendo difícil acalmarem-se, não explorando o meio, e face ao regresso da figura de vinculação exibem comportamentos ambivalentes como choro e desejo de proximidade e revolta demonstrando agressividade e tentando o afastamento. Ao longo desta investigação, observou-se o caso de uma criança cujo processo de adaptação foi difícil, uma vez que desde o momento de separação até ao momento da sesta, a criança

chorava intensivamente (ver Nota de Campo nº 2 de 25 de Setembro de 2013). É uma criança que demorou algum tempo a criar uma relação de afeto e segurança com a responsável de sala e com a auxiliar. A mãe desta criança apresenta ansiedade no momento da separação prolongando muitas vezes esta situação e “voltando” muitas vezes atrás para confirmar se a criança fica bem. Este fato deixa a criança ainda mais “nervosa” deixando-a a chorar com mais intensidade, prolongando e intensificando a ansiedade “normal” deste momento. Teoricamente, segundo Ainsworth (1978) a criança permanece muito tempo junto da mãe, aparenta alguma ansiedade e, explora pouco o meio. Nos momentos de separação tem tendência a ficar inquieto e perturbado, mas quando a mãe regressa procuram de imediato contato com a mesma. Os comportamentos de vinculação predominam face aos comportamentos exploratórios

Por último, a terceira e última questão norteadora - **De que modo a relação que a criança estabelece com educador influencia a adaptação da mesma ao berçário?** – deverá ser uma discussão central para a prática pedagógica de qualquer cuidador. A creche, enquanto sistema cultural, onde se estabelecem relações, é muitas vezes o local onde as crianças passam a maior parte do dia. O Educador, enquanto agente comunicante e interativo deverá ter em conta que, na comunidade educativa existem pessoas diferentes com crenças e costumes distintos, e onde tem à sua responsabilidade o futuro daquela sociedade (as crianças). *Além do nosso bom exemplo e orientações que possamos dar à criança, todo o afeto que lhe é transmitido já é meio caminho andado, pois é com este banho de afeto que a criança se desenvolve em harmonia* (Ana Vieira Melo e Mafalda Prista Pedro, 2000, p. 37). Um afeto que, na nossa ótica, deve ser a *semente* de toda a educação, e deverá *germinar* para formar uma relação verdadeira, consistente, em que a amizade, confiança e abertura estão presentes.

O carinho e afeto realçado na citação acima transcrita foram enumerados por uma mãe, cuja conversa foi transcrita numa nota de campo (ver nota de campo nº 4 de 5 de Novembro de 2013). Tanto eu, como a auxiliar de ação educativa somos pessoas muito calmas, que passamos a maior segurança à criança e que acreditamos que o bem-estar da criança está sempre em primeiro lugar. O adulto desempenha um papel fundamental na vida das crianças, no seu crescimento emocional, cognitivo e social. E as relações calorosas e positivas que estabelece com elas ajudam-nas a ganhar a sensação de confiança no mundo (Jerome Bruner, 1996, p. 41, cit. por Hélia Pedrosa, 2003, p. 24).

Este trabalho de investigação possui algumas limitações às quais não se pode ser indiferente. Assim constituem uma limitação o facto de o número de participantes ser reduzido, e o facto de eu, enquanto responsável de sala, fazer parte integrante do grupo, o que se tornou um “obstáculo” na observação das diversas situações.

Para terminar gostaria ainda de referir algumas sugestões para estudos futuros. Deste modo, parece-me importante a continuação de estudos com estas temáticas já que estas demonstraram ser de extrema importância na relação mãe - bebé, e ainda na relação educador – bebé. Seria pertinente existir uma observação em situação caseira, já que seria mais um modo de registar os comportamentos da criança, bem como a relação entre a díade mãe - bebé.

Bibliografia

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. (1979). Infant-mother attachment [Versão electrónica]. *American Psychologist*, 34, pp.10
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, pp. 709-716.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação*, Edição: Porto Editora, Coleção Ciências da Educação
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Vol. 3: Loss: sadness and depression*. NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1998). *A secure base – Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Brazelton T. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Artes Médicas, Porto Alegre
- Brazelton, T.B., Greenspan, S. (2002). *A criança e o seu mundo. Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. 5ª edição. Lisboa: Editorial Presença.
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: Guilford Press.

- Cury, A.(2004) – *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*. 1ª edição. Cascais: Pergaminho.
- Dias, P., Soares, I. & Freire, T. (2002). Percepção materna do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: construção de uma escala. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, pp. 335-347.
- Figueira, M. C. C. (1998) – *Ser Educador na Creche*. Lisboa: Cadernos de Educação de Infância, nº69.
- Guimarães, D.; Leite, I. (1999) – *Pedagogia dos Pequenos: uma contribuição de autores italianos*.
- Hohmann, M.; Post, J. (2003) – *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M.; Weikart, D. (2003) – *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pedrosa, Hélia (2003) – «*Crescer Juntos*». Lisboa: Cadernos de Educação de Infância, nº 67.
- Portugal, Gabriela (2000) – *Educação de bebés em Creche – perspectivas de formação teóricas e práticas*. Lisboa: GEDEI, nº1.
- Silva, Ana Bela (1998) – *Crescer na creche*. Lisboa: Cadernos de Educação de Infância, nº48, 1998.
- Sprinthall, N.; Sprinthall, R.(1993) – *Psicologia Educacional*. Lisboa: Mc Graw Hill.
- Sousa, Alberto B. (2005). *Investigação em Educação*, Edições: Livros Horizontes.
- Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press, pp. 265-285.

Anexos

Anexo 2

Nota de Campo nº1

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>Tendo já em consideração o tema que gostaria de abordar no meu relatório final, comecei a estar mais atenta à relação que algumas mães desenvolvem com os seus filhos. A questão que gostaria de ver esclarecida no meu relatório final prende-se com a influência que a entrada no berçário pode provocar na vinculação mãe-bebé.</p> <p>Ao longo da minha experiência em berçário fui-me apercebendo da “ansiedade” que a entrada da criança na creche provoca nos progenitores, mais precisamente nas mães. Logo nas reuniões de começo de aulas (em Setembro) algumas mães admitem que a decisão de entrada da criança em berçário foi uma das decisões mais difíceis de tomar que já tiveram.</p> <p>Um acontecimento que considere</p>	<p>Desde o término do mestrado em psicologia educacional que o meu interesse pela área da vinculação era enorme. Desde que estou como responsável numa sala de berçário que este tema tem-me suscitado ainda mais interesse. Depois do que tenho experienciado acredito que a forma como a mãe encara a entrada da criança no berçário, influencia a adaptação do bebé a este novo mundo e conseqüentemente a relação mãe-bebé.</p> <p>É bastante interessante verificar que existem diversas situações e exemplos que permitem comparar o fato de a ansiedade das mães influenciar o comportamento dos filhos. Mas será que estas questões de ansiedade podem ser trabalhadas? Será que alguém com formação para acompanhar estas mães</p>

<p>significativo para o meu interesse neste tema prendeu-se com alguns episódios que vivenciei com a mãe de uma criança que esteve na minha sala no ano letivo passado. A ansiedade que esta mãe apresentava no momento de separação, transpôs-se para o seu filho, que durante o tempo que estava na escola, era uma criança insegura, ansiosa e que necessitava de contato físico constante.</p> <p>Nas várias conversas que desenvolvi com a mãe, esta admitiu que era bastante ansiosa e que acreditava que todos os seus “medos” eram absorvidos pelo seu filho. O desenrolar deste processo foi bastante desafiante para mim, e levou-me por isso a acreditar que o tema da vinculação irá ser um tema com bastante interesse.</p>	<p>ansiosas ajudaria neste processo? Qual o papel dos pais? Que ajuda podem dar?</p> <p>São questões como estas que espero ver respondidas no meu relatório final. Acredito que a experiência que tenho ganho em berçário me consciencializou sobre a importância de todos os aspetos que acima referi.</p>
--	---

Anexo 3

Nota de Campo nº 2

Local: Sala – Parque

Hora: 9h45

Duração: 15 minutos

Intervenientes: Mãe do R., R. e eu

Data: 25 de Setembro

Contexto: Momento de separação

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>O momento da separação do R. demora sempre bastante tempo. A criança reage de forma diferente dependendo de quem o vem trazer à escola. Quando é a mãe a trazê-lo o R. agarra-se vigorosamente ao seu pescoço e, chora com muita intensidade. Neste dia, a mãe tinha algumas dúvidas burocráticas para tirar comigo e enquanto isso acontecia o R. chorava intensivamente. Quando passou para o meu colo, demorou bastante tempo a acalmar-se e isso só aconteceu quando iniciamos a rotina da oração do bom dia, um momento bastante tranquilizante.</p>	<p>Esta nota de campo mostra a ansiedade que a criança apresenta e, o tempo que demora a acalmar-se. Esta criança demonstra ter algumas dificuldades no auto controle só acalmando-se com contato físico. Apesar de ainda ter passado pouco tempo desde o início do ano e devido a isso ainda estar em tempo de adaptação o R. está a demorar algum tempo a criar uma relação de afeto e segurança com a responsável de sala e com a auxiliar. A mãe desta criança apresenta ansiedade no momento da separação prolongando muitas vezes esta situação e “voltando” muitas vezes atrás para confirmar se a criança fica bem. Este fato deixa a criança ainda mais “nervosa” deixando-a a chorar com mais intensidade</p>

	e prolongando e intensificando a ansiedade “normal” deste momento.
--	---

Anexo 4

Nota de Campo nº 3

Local: Sala – Parque

Hora: 9h35

Duração: 20 minutos **Intervenientes:** 9 crianças, mãe do D., D., eu e auxiliar

Data: 4 de Outubro **Contexto:** Rotina de oração da manhã com os pais

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>Às sextas – feiras o momento de oração da manhã é “aberto” à presença dos pais. É um momento em que se procura garantir tranquilidade respeitando as crianças e a sua individualidade. É um tempo de reunião entre os adultos e as crianças, começando por uma oração e terminando com uma música, lengalenga, história ou atividade.</p> <p>A mãe do D. costuma ser presença assídua nestes momentos. Contudo, o D. não sai do colo da mãe, não explora a sala, não interage nem acompanha as músicas nem com gestos, nem com palmas. A mãe não incentiva o filho a brincar, detendo-o no seu colo durante todo o tempo desta rotina. O momento da separação é prolongado pela mãe levando muito</p>	<p>Esta criança demonstrou e continua a demonstrar uma grande ansiedade na adaptação aos espaços, na adaptação aos adultos e na adaptação as restantes crianças. É uma criança que interage muito pouco com as outras crianças, e necessita de muito contato físico. A mãe demonstra igualmente alguma ansiedade em toda a adaptação, alargando sempre o momento da separação e, voltando muitas vezes atrás para ver como o seu filho ficou. Esta mãe questiona-me muitas vezes se o D. chora muito durante o dia, se ele se está a adaptar bem, se o devia ir buscar mais cedo etc.</p> <p>“As mães ansiosas demonstraram expectativas mais negativas, ansiedade e</p>

<p>tempo a entregar-me a criança. A criança chora com muita intensidade, e quando a mãe se vai embora o D. demora muito tempo a acalmar-se.</p>	<p>tensão no relacionamento com os seus filhos. Estes resultados sugerem que uma problemática de ansiedade materna está associada à baixa tolerância de emoções negativas pelas crianças – limitando a interação positiva entre mãe e filho em condições de stress” (C. Cathy, A. Adela, M. Lynne & C. Peter, 2013).</p>
---	---

Anexo 5

Nota de Campo nº 4

Local: Sala – Parque

Hora: 10h00m

Duração: 10 minutos

Intervenientes: eu, a mãe de T. e T

Data: 05 de Novembro **Contexto:** Momento da Separação acompanhado de pequena conversa

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>No momento da separação, a mãe da T. partilhou comigo que considera que a adaptação da sua filha está a correr muito bem. Confidenciou-me que acredita que o fato de a T. estar em contato com as outras crianças é muito benéfico para o seu desenvolvimento. Disse-me igualmente que verifica diariamente a influência que a relação que nós adultas estabelecemos com a T., tem na sua auto estima. A mãe transpareceu e salientou a confiança que tem no nosso trabalho e individualmente na forma como a T. se sente à vontade connosco.</p>	<p>Nesta conversa a mãe salientou aquilo que já era visível através do comportamento da T. É uma criança que já se sente segura no espaço da escola. Interage com as outras crianças, interage com os adultos e mantêm-se algum tempo a brincar sozinha. Através destas manifestações é possível verificar igualmente a importância que o papel do educador apresenta no desenvolvimento da criança. Tanto eu, como a auxiliar de ação educativa somos pessoas muito calmas, que passamos a maior segurança à criança e que acreditamos que o bem-estar da criança está sempre em primeiro lugar.</p> <p>O adulto tem, portanto, um papel fundamental na vida das crianças, no seu</p>

crescimento emocional, cognitivo e social.

Segundo Daniela Guimarães e Maria Isabel Leite “o educador é convocado a favorecer as condições de ação das crianças, ter sensibilidade e disponibilidade; ser companheiro de brincadeiras; estabelecer cumplicidade. Assim, a ludicidade, a continuidade e diversificação das experiências garantem a produção de significados, fundamental na estruturação das aprendizagens, na relação com o mundo externo, na socialização. O adulto é um facilitador das relações e capaz de propiciar crescimento”

Anexo 6

Nota de Campo nº 5

Local: Berçário

Hora: 12h15m

Duração: 10 minutos

Intervenientes: eu e o R.

Data: 10 de Dezembro **Contexto:** A deitar o D. – momento do repouso.

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>A rotina do repouso deve ser um momento tranquilo e calmo, respeitando o ritmo de cada criança.</p> <p>O R. foi uma criança que demorou bastante tempo a adaptar-se à escola. Na altura do repouso demorava muito tempo a adormecer, e era necessário o contato físico com um adulto. Nesta altura do ano letivo, o R. já adormece sozinho, demonstrando a sua crescente segurança no espaço, nos adultos e no que o rodeia. É uma criança que dorme 1h30/2h00m e que acorda bem-disposto e a sorrir.</p>	<p>Esta nota de campo demonstra a segurança que o R. já tem na escola e, a influência que o papel do educador tem no desenvolvimento saudável da criança. É de salientar a importância que o ambiente calmo, e seguro têm na adaptação das crianças à escola. Em conversa com a mãe, esta afirmou que o R. anda mais calmo, tranquilo e seguro. A mãe acredita que a entrada para a escola fez com que se tornasse uma criança mais segura e mais tranquila. A nível de alimentação e de sono, a mãe do R. garante que as coisas já estão a correr da melhor forma, também em casa. Acredito que os comportamentos que a criança demonstra em casa reflete muito sobre a adaptação da criança à escola.</p>

Anexo 7

Nota de Campo nº 6

Local: Sala – Parque

Hora: 9h30m

Duração: 15 minutos

Intervenientes: 9 crianças, mãe da M. , eu e auxiliar

Data: 7 de Fevereiro **Contexto:** Rotina de oração da manhã com os pais

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>Mais uma sexta-feira, em que os pais estão presentes no momento da oração da manhã – o “bom dia”.</p> <p>A mãe da M. deixa-a explorar a sala à vontade, enquanto esperamos que as restantes crianças cheguem. Quando iniciamos o momento, a mãe chama a sua filha e esta vai para o seu colo. Ao longo da música, a M. vai batendo palmas e abanando o corpo, acompanhando a música. Sorri muitas vezes e, diz olá a todas as mães que estão presentes. Na altura da separação, a M. apresenta alguma resistência em passar para o meu colo, mas quando isto acontece a M. fica mais calma e chega mesmo a dizer adeus à mãe. Rapidamente quer sair do meu colo e, vai brincar com as restantes crianças.</p>	<p>A M. adaptou-se facilmente à escola. Apresentou alguma ansiedade nas duas primeiras semanas, fato que foi ultrapassado ganhando mais segurança e auto estima.</p> <p>Por vezes, ao observar a relação mãe-filha, foi notável a tranquilidade com que esta acontece. A mãe já me confidenciou que tem a maior segurança no nosso trabalho e que acredita que a adaptação da M. desenrolou-se da melhor maneira.</p> <p>“As mães de crianças seguras detetam os seus sinais e reagem-lhes pronta e adequadamente. Estão permanentemente disponíveis e são carinhosas e cooperantes” (Ainsworth, 1982)</p>

Anexo 8

Nota de Campo nº 7

Local: Sala – Parque

Hora: 9h30m

Duração: 15 minutos

Intervenientes: mãe da M. J. e eu

Data: 14 de Abril

Contexto: conversa no momento do acolhimento

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>A mãe da M. J. confidenciou-me que a sua filha adora a escola. Disse-me que acredita que a adaptação foi efetuada da melhor forma e que a escola tem tido um papel muito importante no desenvolvimento. Afirmou ainda que a maneira como eu e a auxiliar a recebemos é reflexo da maneira como interagimos com ela durante o dia. No momento da separação a M. J. vem para o meu colo a sorrir, e diz adeus à mãe acenando a mão.</p>	<p>Mais uma vez, o papel que o educador tem no desenvolvimento da criança é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança. A manutenção de um ambiente calmo, mas simultaneamente desafiante é bastante importante para que as crianças desenvolvam uma maior segurança no espaço, nos adultos e nas restantes crianças.</p>

Anexo 9

Nota de Campo nº 8

Local: Parque exterior

Hora: 9h30m

Duração: 15 minutos

Intervenientes: 10 crianças, mães, eu e auxiliar

Data: 9 de Maio

Contexto: Rotina de oração da manhã com os pais

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>No momento de oração da manhã – “o bom dia” efetuado no parque exterior foi bastante visível a confiança que as crianças já têm no espaço, sendo este um espaço pouco usado por nós.</p> <p>Foi bastante interessante visualizar o “à vontade” que estas crianças apresentam, neste momento, na exploração de novos espaços. As mães estão igualmente à vontade e confortadas pela segurança que os filhos apresentam. Já todas as crianças acompanham a música com gestos, palmas e abanando o corpo. As crianças exploram o espaço livremente, recorrendo apenas ao contato físico quando as mães se despedem.</p>	<p>Esta nota de campo manifesta já a realidade que à medida que o tempo vai passando, as crianças vão ganhando mais segurança. São agora crianças perfeitamente adaptadas, que aproveitam todas as atividades ao máximo. Ao desenrolar-se esta segurança, as mães sentem-se igualmente mais reconfortadas, e visualizam a alegria com que as crianças estão na escola.</p>

Anexo 1

Inquérito por Questionário

Vimos solicitar a sua colaboração no preenchimento do seguinte inquérito por questionário destinado aos pais da sala do Berçário B do Centro Comunitário Sra. da Boa Nova.

Enquadra-se num projeto de investigação desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich tendo como objetivo perceber de que modo a ligação Mãe/Bebé interfere na adaptação do bebé ao ambiente de creche.

Assegurando o anonimato de cada participante na investigação, agradecemos toda a disponibilidade e colaboração dispensada.

DADOS DA CRIANÇA:

1 - Data de nascimento do bebé: ___/___/_____

2 – Sexo:

Feminino Masculino

3 – Idade em meses com que iniciou a frequência na Creche? _____

4 – A criança está a cargo de:

Pais Pai Mãe
Avós Maternos Avós Paternos Tios

Outro. Qual? _____

4.1 - Se está a cargo de outra pessoa, por que motivo:

AGREGADO FAMILIAR:

5 – Composição do agregado familiar:

Parentesco	Idade

6 – Tem irmãos a frequentar a Instituição?

Sim Não

GRAVIDEZ:

7 – Foi uma gravidez desejada?

Sim Não

8 – Foi uma gravidez planeada?

Sim Não

9 – Sentia-se preparada para ser mãe?

Sim Não

10- Quais os momentos mais emocionantes durante a gravidez? Enumere-os de forma crescente (de 1 a 9), pelo seu grau de importância, sendo o 1 o menos importante.

Momento em que soube que estava grávida	
Primeiro trimestre de gravidez	
Segundo trimestre de gravidez	
Terceiro trimestre de gravidez	
Primeira ecografia	
Segunda ecografia	
Terceira ecografia	
Primeiros movimentos do bebé	
Outro. Qual? _____	

11 - Teve a necessidade de realizar exames complementares?

Sim Não

11.1 - Se respondeu afirmativamente qual o exame que realizou e por que motivo?

NASCIMENTO:

12 - O parto foi:

Parto normal	
Cesariana	
Com fórceps	
Com anestesia (epidural)	
Outro. Qual?	

13 - Teve algum tipo de complicações no parto?

Sim Qual? _____

Não

14 - Logo após o nascimento, teve de imediato contacto físico com o seu bebé?

Sim Não

HÁBITOS ALIMENTARES

15 - Nos primeiros dias:

Peito Biberão

Outro, qual? _____

16 - Atualmente:

Peito Biberão

Outro, qual? _____

HÁBITOS DE SONO:

17 – Habitualmente, o seu bebé:

Adormece facilmente	
Não adormece facilmente	
Tem objetos para dormir	
Geralmente tem um sono tranquilo	
Geralmente tem um sono agitado	
Adormece ao colo	
Outro. Qual?	

PRIMEIROS MESES DE VIDA (ATÉ AOS 4 MESES):

18 - Recorda-se do primeiro sorriso do bebé?

Sim Não

18.1 - Se possível descreva o momento.

19 – Reconheceu, nesse período diferentes tipos de sorriso do seu bebé?

Sim Não

19.1 - Se respondeu afirmativamente, consegue descrevê-los?

20 – Reconheceu, nesse período diferentes tipos de choro do seu bebé?

Sim Não

21 - O seu bebé reagiu, nesse período a pessoas estranhas?

Sim Não

21.1 - Se respondeu afirmativamente, descreva a reação do seu bebê.

22 – Em situação de desconforto, como reage o seu bebê?

PRIMEIRAS SEMANAS NA CRECHE:

23 – O que sentiram os pais, no primeiro dia em que o seu bebê foi para a creche?

24 – Descreva as manifestações do bebê no primeiro dia de creche

25 – Quando vai buscar o seu filho à Creche sente-o:

Feliz	
Infeliz	
Satisfeito	
Insatisfeito	
Tranquilo	
Agitado	
Outro, qual?	

26 – Quando vai levar o seu filho à Creche sente-o:

Feliz	
Infeliz	
Satisfeito	
Insatisfeito	
Tranquilo	
Agitado	
Outro, qual?	

27 – Nos momentos de chegada como reage o seu bebé quando a vê?

28 – E nos momentos da partida?

29 - Caso ainda amamente o seu bebé e o faça na instituição, como reage o bebé quando a vê?

Obrigada pela sua colaboração!